



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-ESPANHOL**

**DIANA CARDOSO DE ALCANTARA SILVA**

***CUENTOS DE EVA LUNA: REPRESENTAÇÃO E PODER DE REAÇÃO DAS  
PERSONAGENS FEMININAS DE ISABEL ALLENDE.***

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

**DIANA CARDOSO DE ALCANTARA SILVA**

***CUENTOS DE EVA LUNA: REPRESENTAÇÃO E PODER DE REAÇÃO DAS  
PERSONAGENS FEMININAS DE ISABEL ALLENDE.***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras - Espanhol.

**Orientador:** Prof. Me: Thales Lamoniêr Guedes Campos (UEPB)

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Diana Cardoso de Alcantara.  
Cuentos de Eva Luna [manuscrito] : representação e poder de reação das personagens femininas de Isabel Allende / Diana Cardoso de Alcantara Silva. - 2019.  
55 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos, UEPB - Universidade Estadual da Paraíba."  
1. Análise literária. 2. Machismo. 3. Realismo mágico. 4. Personagem feminina. I. Título

21. ed. CDD 801.95

DIANA CARDOSO DE ALCANTARA SILVA

**CUENTOS DE EVA LUNA: REPRESENTAÇÃO E PODER DE REAÇÃO DAS  
PERSONAGENS FEMININAS DE ISABEL ALLENDE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras - Espanhol.

**Orientador:** Prof. Me: Thales Lamoniêr Guedes Campos (UEPB)

Aprovado em: 29/11/2019.  
Média/Nota: 10,0

**BANCA EXAMINADORA**

Thales Lamoniêr Guedes Campos NOTA: 10,0  
Prof. Me. Thales Lamoniêr Guedes Campos (Orientador)  
UEPB

Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo NOTA: 10,0  
Prof. Me. Zuila Kelly da Costa Couto Fernandes de Araújo (Examinador)  
IFPB

Alessandro Giordano NOTA: 10,0  
Prof. Me. Alessandro Giordano (Examinador)  
UEPB

*“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da  
montanha da vida, removendo pedras e plantando  
flores”. Cora Coralina*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por guiar meus passos e cuidar de mim.

A meu esposo *José Beckenbaner* por ter me apoiado desde o início do curso.

À Minha família que sempre me apoiou nos momentos difíceis, meu pai *Pedro*, minha mãe *Maria da Conceição*, minhas irmãs *Dilene e Denise*, meus filhos *Deividy, Daniele, Daniel e Davi* e às minhas enteadas *Dayane e Débora*.

À minha amiga e companheira de curso *Socorro Aguiar* e aos demais colegas.

A meu orientador e estimado professor *Thales Lamonier*.

Agradeço aos professores da Banca Examinadora.

*“Todos tenemos una insospechada reserva de fuerza interior que surge cuando la vida nos pone a prueba”<sup>1</sup>*

Isabel Allende

---

<sup>1</sup> “Todos nós temos uma reserva inesperada de força interior que surge quando a vida nos coloca à prova” (tradução nossa).

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 01:</b> Isabel com sua mãe em 1950.....	13
<b>Imagem 02:</b> Isabel Allende com seu 1º marido Miguel Frias, em Paris durante uma reunião desolidariedade.....	14
<b>Imagem 03:</b> Isabel em 1973, ano do golpe militar no Chile.....	15
<b>Imagem 04:</b> Isabel Allende com Willie Gordon.....	16



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
<b>1- O UNIVERSO LITERÁRIO DE ISABEL ALLENDE .....</b>	<b>13</b>
1.1 - Vida e Obra.....	13
1.2 – Inspirações produção e Representatividade.....	16
1.3 - O gênero conto e a literatura como ferramenta de crítica social.....	18
1.4 - Realismo mágico e o <i>boom</i> da literatura latino-americana. ....	20
1.5- <i>Cuentos de Eva Luna</i> .....	23
<b>2- MACHISMO: UM PROBLEMA DA SOCIEDADE LATINO-AMERICANA. ....</b>	<b>24</b>
2.1- Definições .....	24
2.2-O machismo em nosso continente: configurações históricas.....	25
2.3 - O machismo na literatura: masculinidades hegemônicas .....	27
<b>3 – DORES E REAÇÕES: A TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS DE ALLENDE ...</b>	<b>29</b>
3.1 - <i>Una venganza</i> .....	29
3.2 - <i>El oro de Tomás Vargas</i> .....	33
3.3– Poder, controle, força e Violência. ....	35
3.4 – Reação das personagens femininas .....	38
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO A : Conto <i>Una venganza</i>. ....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO B : Conto <i>El oro de Tomás Vargas</i>. ....</b>	<b>50</b>

## **CUENTOS DE EVA LUNA: REPRESENTAÇÃO E PODER DE REAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS DE ISABEL ALLENDE.**

Diana Cardoso de Alcantara Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo pretende apresentar como o machismo é retratado no continente sulamericano a partir dos contos literários da escritora chilena Isabel Allende, também observaremos como se dá a reação das personagens femininas de Allende diante das atrocidades e injustiças às quais estão submetidas, tomando como ponto de partida um recorte de sua obra: *Cuentos de Eva Luna* (1989), mais precisamente nos contos *El oro de Tomás Vargas* e *Una venganza*. Neste sentido, nosso objetivo geral é verificar como os personagens masculinos Tomás Vargas e Tadeo Cespedes exercem poder, controle, força e violência contra as personagens femininas nos respectivos contos; nosso objetivo específico se delimita em evidenciar o papel das personagens Dulce Rosa, Concha Díaz e Antonia Sierra, destacando suas reações diante da sociedade machista e opressora. Em relação à metodologia definimos nosso estudo como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental. O corpo teórico do trabalho conta com a contribuição dos estudos de: Drumont (1980), Gotlib (1990), Bautista (1991), Candido (2004), Cervera (2014), dentre outros.

Palavras-chaves: Isabel Allende; Realismo mágico; Personagens Femininas.

### **RESUMEN**

Este artículo pretende presentar cómo se retrata el machismo en el continente sudamericano a partir de los cuentos literarios de la escritora chilena Isabel Allende. También observaremos cómo los personajes femeninos de Allende reaccionan a las atrocidades e injusticias a las cuales son sometidos, tomando como su punto de partida un recorte de su obra: *Cuentos de Eva Luna* (1989), más precisamente en los cuentos *El oro de Tomás Vargas* y *Una venganza*. En este sentido, nuestro objetivo general es verificar cómo los personajes masculinos Tomás Vargas y Tadeo Cespedes ejercen poder, control, fuerza y violencia contra los personajes femeninos en sus respectivos cuentos; Nuestro objetivo específico es resaltar el papel de los personajes Dulce Rosa, Concha Díaz y Antonia Sierra, destacando sus reacciones ante la sociedad machista y opresiva. En cuanto a la metodología, definimos nuestro estudio como una investigación cualitativa, bibliográfica y documental. El cuerpo teórico del trabajo tiene la contribución de los estudios de: Drumont (1980), Gotlib (1990), Bautista (1991), Candido (2004), Cervera (2014), entre otros.

Palabras llave: Isabel Allende; Realismo mágico; Personajes femeninos.

---

<sup>2</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura em Letras-Espanhol, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: diana84cardoso@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A literatura ao longo da história tem exercido um papel fundamental na construção de conceitos e expressão de sentimentos, também tem desempenhado uma função político-social de grande importância na sociedade. A literatura nos auxilia na aprendizagem e nos ajuda a compreendermos melhor o mundo em que vivemos, nos faz pensar sobre determinadas formulações em nossa sociedade, a exemplo do machismo.

O machismo é um sistema hierárquico de valores patriarcais que enaltece o sexo masculino sobre o feminino, considerando o homem como superior em relação à mulher em todas as esferas da vida profissional, intelectual, conjugal e etc. Este sistema patriarcal não permite a igualdade entre homens e mulheres, carregando a ideia de que uma mulher não pode ganhar mais dinheiro, ser mais inteligente, ou melhor, sucedida do que uma pessoa do sexo masculino, sendo encarregada apenas para as tarefas domésticas e sem poder de opinião; ou seja, o machismo impõe padrões de comportamento para ambos os sexos, conforme (DRUMONT, 1980, p. 81) “o machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino.”

Historicamente no mundo ocidental, vemos que enquanto ao sexo masculino prevalece uma cultura de superioridade, já que desde a infância os homens são educados para se aventurar, trabalhar e estudar; as mulheres tinham que obrigatoriamente aprender a cozinhar, lavar e passar, reproduzindo dessa forma na fase adulta o mesmo modelo de comportamento de suas mães e avós, além da realização das tarefas domésticas, as mulheres não podiam ocupar cargos públicos ou determinadas profissões, aprender dirigir, estudar, aprender a ler e escrever e etc.

Segundo Bandeira e Melo (2010), a desconstrução gradual do modelo patriarcal foi tornando possível a abertura de espaços onde a mulher passou a construir seu papel como sujeito de atuação efetiva na sociedade. Algumas dessas conquistas se tornaram possíveis através do surgimento dos movimentos feministas, que por sua vez reivindicavam liberdade e construção de suas próprias identidades, lutando por questões importantes como: igualdade salarial, direito ao voto, igualdade na ocupação de cargos e no cenário político; também podemos destacar a luta por questões ligadas à saúde como prevenção de doenças e controle de natalidade, libertação dos padrões de beleza impostos pela sociedade, combate ao assédio sexual e moral, além da luta contra a violência e direitos relacionados à maternidade. Para Bandeira e Melo (2010) os movimentos feministas são importantes, pois representam as mulheres em questões como:

Direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito a participação de espaços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito de viver em igualdade de condições com os homens (BANDEIRA e MELO, 2010, p. 9).

Com as conquistas desses direitos femininos, o campo literário também foi abrindo espaço para produções femininas, que aos poucos começaram a construir suas identidades ganhando aceitação e reconhecimento. Junto com o crescimento e reconhecimento das escritas femininas, o espaço literário e artístico também foi marcado pelo surgimento de um movimento cultural chamado realismo mágico.

Segundo Cervera (2014) “o termo realismo mágico surge pela primeira vez em 1925, criado pelo crítico de arte alemão Franz Roh, para caracterizar a pintura pós-expressionista alemã”, o realismo mágico se expandiu pela Europa no início do século XX e chegou à América latina nas décadas de 1940 e 1950 “como um reflexo das mudanças na sociedade e especificamente marcado na literatura latino-americana em decorrência do cansaço que um grupo de artistas sentiu contra os excessos abstracionistas do expressionismo das primeiras vanguardas como: Cubismo, Futurismo, Dadaísmo etc”. (CERVERA, 2014, p.1-2).

As mudanças ocorrendo rapidamente, o crescimento desordenado das cidades, “o consumismo, materialismo, estresse, a pressa, são as características da nova sociedade do século XX,” em decorrência desses fatores “sentiu-se a necessidade de redescobrir elementos mágicos existentes na realidade” do seu cotidiano. (CERVERA, 2014, p. 2). O realismo mágico se caracteriza pela mistura da realidade e fantasia, é algo do cotidiano contado de maneira natural, mas ao mesmo tempo fantástica. “O realismo mágico teve seu momento de apogeu nas décadas de 50, 60 e 70”, o chamado *Boom* da literatura latino-americana e “estendendo suas influências até a atualidade” (CERVERA, 2014, p.1).

Entre os nomes mais importantes que representam o realismo mágico na América Latina podemos destacar: Gabriel García Márquez (Colômbia), Manuel Scorza (Peru), Mario Vargas Llosa (Peru), Julio Cortázar (Argentina), Jorge Luis Borges (Argentina), Isabel Allende (Chile), Arturo Uslar Pietri (Venezuela), Murilo Rubião (Brasil), José J. Veiga (Brasil), Alejo Carpentier (Cuba), Miguel Angel Asturias (Guatemala) e Carlos Fuentes (México).

Dentre esses nomes destacaremos a escritora Isabel Allende, de origem peruana e naturalizada Chilena, Allende se destaca em seus trabalhos por retratar a situação político-social do seu país e representar muito bem o realismo mágico e o papel feminino na

sociedade, posicionando a mulher como protagonista em uma sociedade machista. Autora de grandes sucessos dentre os quais podemos destacar: *La casa de los espíritos* (1982), *De amor y de sombra* (1984), *Eva Luna* (1987), *Cuentos de Eva Luna* (1989), *El plan infinito* (1991), dentre essas obras.

Diante dessas considerações surgem alguns questionamentos: como Isabel Allende trata a questão do machismo em nosso continente, a partir de seus escritos literários? Diante das atrocidades e injustiças a qual estão submetidas, como as personagens femininas de Allende demonstram um poder de reação em relação à sociedade patriarcal?

O objetivo principal desta pesquisa é: verificar como os personagens masculinos Tomás Vargas e Tadeo Cespedes exercem poder, controle, força e violência contra as personagens femininas nos contos *El oro de Tomás Vargas* e *Una venganza* presentes no livro *Cuentos de Eva Luna* (1989). Nosso objetivo específico se delimita em evidenciar o papel das personagens Dulce Rosa, Concha Díaz e Antonia Sierra, nos respectivos contos, destacando suas reações diante da sociedade machista e das adversidades que enfrentam.

Embora estejamos vivendo uma época de grandes avanços tecnológicos e sociais, o machismo ainda está fortemente marcado em nossa sociedade, consideramos este estudo importante devido ao esclarecimento de questões relevantes sobre o machismo em nosso continente, e a utilização da literatura como uma ferramenta de crítica social. Deste modo, consideramos este estudo importante também para o curso de Letras espanhol da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por abordar esta temática através de uma nova leitura e interpretação sobre os escritos literários de Isabel Allende já que o *corpus* de análise deste trabalho ainda não havia sido explorado em nenhum outro trabalho de conclusão de curso desta instituição.

Metodologicamente, classificamos nossa pesquisa como qualitativa, bibliográfica e documental. Qualitativa porque nosso estudo é interpretativo, este tipo de pesquisa permite fazer uma análise mais objetiva e estudar algumas particularidades, experiências e os pontos de vista que estejam relacionados ao assunto que será abordado, (GIL, 2008). Bibliográfica porque esta pesquisa permite fazer a coleta de informações de livros, artigos, e textos científicos que serviram de embasamento teórico para o assunto que será pesquisado, (GIL, 2008). Documental, que segundo (Gil, 2008) se assemelha a pesquisa bibliográfica, a diferença está na natureza das fontes, pois a pesquisa é realizada através de documentos que não receberam tratamento analítico, ou seja, não são de caráter científico, como; revistas, jornais, fotografias, cartas, diários, entre outros.

Portanto dividimos este estudo em três capítulos: o primeiro capítulo chama-se; *O universo literário de Isabel Allende*, no qual faremos uma abordagem sobre a vida e as obras da escritora, suas inspirações e representatividades, faremos uma contextualização sobre o gênero conto e a literatura como uma ferramenta de crítica social, também apresentaremos o realismo mágico e o *Boom* da Literatura latino-americana e faremos uma análise geral sobre a obra *Cuentos de Eva Luna*.

No segundo capítulo; *Machismo: um problema da sociedade latino-americana*, trataremos uma definição sobre o machismo e suas configurações históricas na sociedade latinoamericana e na literatura. No terceiro e último capítulo; *Dores e reações: a trajetória das personagens de Allende*, analisaremos os contos *El oro de Tomás Vargas* e *Una Venganza*, verificando o poder, controle, força e violência dos personagens masculinos sobre as personagens femininas, também mostraremos como as personagens femininas reagem a esses fatores nos referidos contos.

Nosso trabalho tem como embasamento teórico as considerações de: Drumont (1980), Gotlib (1990), Bautista (1991), Candido (2004), Zolin (2005), Bandeira e Melo (2010), Cervera (2014), Daros (2014), Kofman (2014), dentre outros que foram indispensáveis para a realização desta pesquisa.

## 1- O UNIVERSO LITERÁRIO DE ISABEL ALLENDE

Neste capítulo faremos uma abordagem dos momentos mais relevantes sobre a vida e obra da escritora Isabel Allende, a importância da literatura e a forma como o texto literário se apresenta como um instrumento de crítica social, apresentaremos o realismo mágico e o *Boom* da literatura latino-americana e por último, uma contextualização acerca do livro *contos de Eva Luna*.

### 1.1 - Vida e Obra

Isabel Allende Llonca nasceu na cidade de Lima (Perú) no dia 2 de agosto no ano de 1942, filha do Diplomata chileno Tomas Allende Pesce e de Francisca Llonca Barros, mais conhecida como “Dona panchita”, seu pai era Embaixador do Chile no Perú e também primo-irmão do presidente chileno Salvador Allende entre os anos 1970 e 1973.

Em 1945 os pais de Isabel Allende anulam o casamento e sua mãe juntamente com Isabel e seus dois irmãos Juan e Francisco retornam ao Chile para a cidade de Santiago, mais tarde Dona panchita decide casar-se novamente com outro Diplomata chamado Ramón Huidobro, que Isabel trata carinhosamente por tio Ramón, depois do casamento a família decide morar em Beirute e na Bolívia entre os anos de 1953 a 1958, na Bolívia Allende estudou em uma escola privada norte-americana e em Beirute ela estudou em uma escola privada inglesa.

**IMAGEM 01:** Isabel (à esquerda) com sua mãe, em 1950.



Fonte: <http://revistapausa.blogspot.com>.

Para terminar seus estudos secundários Isabel retorna ao Chile em 1958 e conhece o estudante de engenharia Miguel Frias com quem se casa e tem dois filhos, Nicolás e Paula. Allende viaja pela Europa entre 1964 e 1965, morou em Bruxelas e em seguida na Suíça com sua família, resolve retornar ao Chile em 1966. Divorcia-se de Miguel Frias em 1987 e se casa com o americano Willie Gordon um ano depois na cidade de São Francisco, o casal viveu muitos anos em São Rafael-Califórnia e depois de 27 anos casada com Willie Gordon, aos 75 anos decidem se divorciar e continua morando na Califórnia até os dias atuais.

**IMAGEM 02:** Isabel Allende com seu 1º marido Miguel Frias, em Paris durante uma reunião de solidariedade.



Fonte: <https://www.alamy.com/chilean-american-novelist-isabel>.

De 1952 até 1974 trabalhou na FAO, (*Food and Agriculture Organization, Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação*), na cidade de Santiago do Chile. Entre 1959 a 1974, começou a fazer parte da primeira equipe editorial da revista Paula, entre 1973 e 1974 realizou diversos trabalhos para o público infantil como publicações para uma revista chamada *Mampato*.

Durante o mesmo ano ocorreu o golpe de estado de 11 de setembro, dirigido pelo General Augusto Pinochet Ugarte, movimento que derrubou o governo da UP (*Unidad Popular*) que foi liderada pelo tio de Isabel, o presidente Salvador Allende, que morreu durante o golpe. Temos duas versões sobre a morte de Salvador Allende, a primeira que ele havia cometido suicídio com uma arma que ganhou do presidente de Cuba Fidel Castro, a segunda versão é que ele foi assassinado pelas tropas do exército no ato da invasão, essa é a versão que Isabel defende como verdadeira.

Isabel decide se refugiar com sua família em Caracas na Venezuela, devido às ameaças da ditadura chilena no ano 1975, e viveu em autoexílio durante treze anos. Ainda na



Venezuela trabalhou como administradora do Colégio Marroco e no Diário Nacional de Caracas. Passado alguns anos, Isabel recebe a notícia que seu avô está morrendo aos 99 anos, em 1981 ela começa a escrever uma carta para ele, que mais tarde se tornou o manuscrito para sua primeira novela *La casa de los espíritus* publicada no ano de 1982.

**IMAGEM 03:** Isabel em 1973, ano do golpe militar no Chile.



Fonte: <http://revistapausa.blogspot.com>

Depois de sua primeira novela, no ano de 1984, Isabel publica a novela humorística *La gorda de porcelana* e a novela *De amor y de sombra*. Em 1985 Allende tem sua primeira novela, *La casa de los espíritus* traduzida para o inglês, em 1987 publica a obra *Eva Luna* e em 1989 publica *Cuentos de Eva Luna*, sendo também traduzida uma versão em inglês. Isabel volta ao Chile depois de 15 anos para receber um prêmio de reconhecimento às pessoas que contribuíram para identificação e enriquecimento da cultura americana, o prêmio Gabriela Mistral, recebido das mãos de Patricio Aylvin Azócar, primeiro presidente do Chile depois de Augusto Pinochet.

Mesmo com sua carreira profissional no auge do sucesso, sua filha Paula entra em coma após um ataque de porfiria em dezembro de 1991, e enquanto Paula ficou hospitalizada Isabel começa a escrever outro livro, que terminou depois que sua filha Paula veio a falecer no dia seis de dezembro de 1992, em San Rafael na casa de Isabel e seu esposo Willie. Isabel termina seu novo livro que recebe o nome de sua filha Paula, o livro trata do relato doloroso de uma mãe, ao ver sua filha doente em uma cama de hospital, como se o livro fosse uma carta para sua filha relatando suas vivências familiares e pessoais, este mesmo livro é publicado no ano de 1994, em quatro idiomas, Espanhol, Alemão, Holandês e Inglês.

**IMAGEM 04:** Isabel Allende com Willie Gordon



Fonte: <https://www.telegraph.co.uk/culture/books/authorinterviews/10589928/The-incredible-life-of-Isabel-Allende.html>

As obras de Izabel sempre fizeram muito sucesso, em 1993 a novela *La casa de los espíritus* é encenada em Londres e a novela *El plan infinito* é publicada em inglês, no mesmo ano, a novela *La casa de los espíritus* é transformada em um filme produzido por Bernd Eichinger e dirigido por Billie August e em 1994 a obra *De amor y de sombra* também é transformada em filme, dirigida pela diretora de cinema Betty Kaplan.

No ano 1997 publica o livro *Afrodita*, em 1999 *Hija de la fortuna*, em 2000 *Retrato en Sépia*, em 2002 *La ciudad de las bestias*, no ano de 2003 *El reino del dragón de oro*, em 2004 *El bosque de los pigmeos* e a peça teatral *Los tomates del Fabio Cagón*, em 2005 *El Zorro*, em 2006 publica *Inés del alma mía*, no ano de 2007 *La suma de los días*, em 2009 *La isla bajo el mar*, em 2011 *El cuaderno de Maya*, suas obras mais recentes são: *El juego de Ripper* publicado em 2014, *El amante japonés* em 2015, *Más allá del invierno* no ano de 2017.

## 1.2 – Inspirações produção e Representatividade

A escritora Isabel Allende sempre demonstrou indignação sobre o fato de o sexo feminino estar em condições inferiores em relação ao sexo masculino. Feminista assumida, ela utiliza a questão do feminismo, como inspiração em algumas de suas obras. Inspira-se também na dor de ter sido exilada do Chile pela ditadura, utilizando a escrita para superar a dor de estar longe de seus parentes, na dor de ter perdido sua primeira filha, Paula e nas histórias que ouvia de seu avô quando morava com ele, também usa como inspiração seus netos, para produzir alguns trabalhos infantis.

Isabel utiliza grande parte de suas experiências pessoais como motivação para sua escrita, inclusive muitos de seus contos são baseados em fatos reais das histórias das mulheres que ela ajuda em sua fundação.

Nasci em Lima por casualidade, pois sou chilena. Tive um pai que desapareceu sem deixar lembranças. Minha mãe foi o guia de minha infância. Talvez por isso seja mais fácil escrever sobre mulheres. Ela me deu um caderno para anotar a vida na idade em que outras meninas brincavam com bonecas, plantando assim a semente que trinta anos mais tarde me levaria a incursionar na literatura (ALLENDE, 2001, contracapa).

Considerando a trajetória de vida da escritora Isabel Allende, podemos perceber que muitas de suas obras possuem traços de suas vivências, representando o gênero feminino, colocando as mulheres como protagonistas que buscam superar a opressão que sofrem por parte dos personagens masculinos e de uma sociedade machista e patriarcal. Através de suas personagens, Isabel nos mostra a luta contra o machismo, as injustiças e a luta pelos direitos a igualdade entre homes e mulheres e a busca por combater o poder, a força e violência.

Em *A Casa dos Espíritos* a autora mostra como, apesar da permanência de alguns entraves, há uma progressiva emancipação feminina durante este século, ao narrar a história de uma família, desde 1905 até o final dos anos setenta, através de quatro gerações de mulheres. São mulheres que, apesar de pertencerem à classe alta, ou seja, dominante, tornam-se cada vez mais conscientes de seu papel subordinado em uma sociedade masculina, patriarcal. (NAVARRO, 1990, p. 172).

Segundo Navarro (1990) ainda é dominante a ideologia patriarcal tanto na América latina como em diversos países europeus, e justamente através da crítica a essa dominação, a autora através do perfil de suas personagens nos traz a “tomada de consciência destas mulheres” sobre a opressão que sofrem, onde não se trata de “um vencer no sentido material em conformidade com as regras capitalistas, ou ainda do sucesso profissional ou alguma forma de mérito por esforço pessoal”, é um vencer paralelo, de uma “guerra de ser mulher na América Latina”. (NAVARRO, 1990, p.173 -174).

Ainda sob essa perspectiva, Navarro (1990), que considera romances feministas todas as obras que “denunciem a opressão que a mulher sofre e expressem também a condição e sensibilidade feminina”, “tornando possível que a mulher seja escutada através de sua própria voz”. (NAVARRO, 1990, p. 174).

### 1.3 - O gênero conto e a literatura como ferramenta de crítica social

A comunicação é uma necessidade dos seres humanos, desde o início das civilizações compartilhamos a arte de contar histórias e experiências, através de um fenômeno maravilhoso chamado linguagem, e através da linguagem surge o conto, uma forma de relatar fatos ocorridos verídicos ou falsos, em que os mais diversos povos se reuniam para contar histórias como forma de entretenimento, como afirma Gotlib (1990):

Aliás, sob o signo da convivência, a história sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e contam casos. Ou perto do fogão de lenha ou simplesmente perto do fogo. (GOTLIB, 1990, p. 5)

Segundo o dicionário Caldas Aulete o conto é uma narrativa falada ou escrita, breve e concisa, menor que o romance, gerado de uma única ação, com pequeno número de personagens em torno de um único ou poucos incidentes. Segundo Gotlib (1990) a origem da palavra conto, veio do Latim *Computare*, computar, calcular, contar, narrativa breve e concisa, que contém apenas um conflito, uma única ação, com um espaço limitado a um ambiente, unidade de tempo e um número restrito de personagens e se diferencia do romance e da novela por algumas características de estruturas e de tamanho. (GOTLIB, 1990, p. 8)

A origem do conto se deu mesmo antes da escrita, não existe uma data precisa, porém, acredita-se que surgiu em tempos remotos, civilizações antigas. Os contos mais antigos são dos povos egípcios, provavelmente devem ter surgido por volta de 4.000 anos antes de Cristo, conforme (GOTLIB, 1990, p. 5).

Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam. O da história de Caim e Abel, da *Bíblia*, por exemplo. Ou os textos literários do mundo clássico greco-latino: as várias histórias que existem na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero. E chegam os contos do Oriente: a *Pantchatantra* (VI a.C), em sânscrito, ganha tradução árabe (VII d.C.) e inglesa (XVI d.C.); e as *Mil e uma noites* circulam da Pérsia (século X) para o Egito (século XII) e para toda a Europa (século XVIII). (GOTLIB, 1990, p. 5).

Existem várias teorias para definir o conto, segundo Gotlib (1991, p. 6) “tais mil e uma páginas referentes ao problema da teoria do conto poderiam se resumir em algumas direções teóricas marcantes: há os que admitem uma teoria. E há os que não admitem uma

teoria específica”. Poe (1993) define o conto por *short story* (estória curta), um termo usado e que deve atender a dois critérios que são: dimensões reduzidas e destaque à conclusão. Gotlib (1990) afirma em seu estudo sobre Poe, no qual ele afirma que o conto fornece o máximo de efeitos com o mínimo de recursos, tem a função de conquistar o leitor do início ao fim em uma única lida, com sua brevidade, efeito único, o clímax que já é o desfecho da narrativa. (GOTLIB, 1990, p. 23-24).

O gênero conto teve seu apogeu no século XIX se estendendo ao XX. Esse gênero leva a escritora Isabel Allende a se destacar na literatura através de algumas de suas obras com intenção denunciadora e enaltecida do sexo feminino, com personagens obstinadas a combater as injustiças impostas à condição de mulher. Allende utiliza seus escritos para fazer críticas em relação à violência da sociedade contra a mulher.

Para nos ajudar a entendermos de que forma a literatura pode ser um instrumento das críticas sociais dentro da perspectiva de Isabel Allende, o crítico literário Antônio Candido (2004) afirma que a literatura é indispensável na formação do sujeito e desde a infância o contato com a literatura é importante para a formação do indivíduo pensante, crítico, cidadão:

Primeiro verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos ou negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. (CANDIDO, 2004, p. 186).

Segundo Candido (2004), a literatura exerce três funções, a primeira tem uma função psicológica que fala da ligação da escrita com a capacidade que o homem tem de fantasiar, através da música, das novelas, fantasiar sobre o amor e sobre o futuro, ele afirma que das modalidades de fantasia a literatura seja talvez a mais rica. A segunda é a função formadora, que atua na formação do homem como um instrumento de educação, nos dando a capacidade de entender algumas ideologias e formarmos opiniões sobre determinados conceitos. A terceira é a função social que possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade e da fantasia, permite que o leitor viaje em um determinado universo ficcional, identificando seu cotidiano representado em uma determinada obra literária.

Ainda dentro dessa perspectiva, Candido (2004) defende a literatura como sendo um instrumento poderoso e indispensável para instrução e educação, diz ainda que “talvez não haja equilíbrio social sem literatura”. (CANDIDO, 2004 p.175). Dessa forma podemos

perceber que a literatura contribui para a educação e para a sociedade de uma maneira mais ampla, com múltiplas possibilidades, “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004 p.175).

#### 1.4 - Realismo mágico e o *boom* da literatura latino-americana.

O termo realismo mágico foi utilizado pela primeira vez na Europa em 1925, pelo crítico de arte alemão Franz Roh, para descrever as diferenças existentes na pintura pós-expressionista, o termo surge primeiramente na Arte e logo em seguida na literatura. Dessa maneira o termo foi se estabelecendo como uma referência para as criações que misturam realidade e fantasia de uma forma natural. Em outras palavras, o realismo mágico é caracterizado pela forma que algo fantástico é descrito de maneira realista, já que o irreal é apresentado como algo comum e também como algo comum passa a ser apresentado como maravilhoso. (CERVERA, 2014, p. 1).

*Lo significativo de este tipo de técnica es que restablece la importancia de los objetos dándoles un significado más profundo que penetra en el misterio. El arte ya no es sólo la copia externa de la realidad sino que crea su propia realidad, la cual emana del interior del artista, haciendo que la obra de arte se sienta como una creación donde la magia no está en oposición a lo místico sino que se complementan.* (BAUTISTA, 1991 p.19).<sup>3</sup>

Nesse sentido, o realismo mágico surgiu como um reflexo do cansaço que um grupo de artistas sentia pelo excesso de experimentação, de abstração e de certa forma da desumanização que os movimentos de vanguarda como: (futurismo, cubismo, dadaísmo, etc), causava nesses artistas. O realismo mágico convergia um grupo de artistas que reagiram contra os excessos abstracionistas do expressionismo. (CERVERA, 2014, p. 2).

*El Realismo Mágico surge tras la Primera Guerra Mundial. Este conflicto había liquidado definitivamente el siglo XIX (caracterizado por el triunfo de la Burguesía y sus valores: Capitalismo, Positivismo, fe en la Ciencia, colonialismo, creencia en el progreso ilimitado...). El realismo mágico surgió de la "necesidad que sintió la sociedad occidental, burguesa sobre*

---

<sup>3</sup> O significativo desse tipo de técnica é que ela reestabelece a importância dos objetos, dando-lhes um significado mais profundo que penetra no mistério. A arte não é mais apenas uma cópia externa da realidade, mas cria sua própria realidade, a qual emana de dentro do artista, fazendo a obra de arte parecer uma criação em que a magia não está em oposição ao místico, mas que se complementam. (BAUTISTA, 1991, p. 19, Tradução Nossa).

*todo, de volver a la tranquilidad y a los valores duraderos de la preguerra"*  
(CERVERA, 2014 p.2)<sup>4</sup>

Considerando alguns fatores como as cidades estarem crescendo de maneira desproporcional e surgindo uma nova sociedade de consumo na qual o materialismo, o pragmatismo, a pressa e stresse são as características do novo homem urbano do Século XX, entende-se que o realismo mágico é "uma tentativa de redescobrir o elemento mágico que existe na realidade". (CERVERA, 2014 p. 2).

À medida que o realismo mágico amplia sua inserção cultural, especificamente na literatura vários movimentos se alimentam desta nova técnica através de interfaces como mitos, superstições e lendas, uma vez que o realismo mágico não é apenas estético, mas também ideológico. (BAUTISTA, 1991). O realismo mágico é uma atitude em relação ao escritor que não "desafia" o leitor ao entrar no jogo e na forma da distorção da realidade, mas "recria um mundo em que magia e realidade coexistem". (BAUTISTA, 1991).

Segundo Kofman (2015) esta corrente literária é o "reflexo direto extraído do folclóre e da mitología que sobrevive na América latina". Afirma também que "os escritores procuraram por elementos mitológicos para usarem em suas obras, e que o uso desses recursos se manifesta como um fato ideológico condicionado pela situação histórica, política, de consciência nacional ou étnica". (KOFMAN, 2015 p.10).

Bautista (1991) afirma que o realismo mágico na América latina, consiste em duas realidades: a objetiva e a maravilhosa "a objetiva abrange as questões políticas, sociais, econômicas, que têm sido condicionadas pela exploração histórica, desde a hierarquia indígena, ao feudalismo espanhol", até a mais recente subordinação norte-americana e crioulo-burguesa. A maravilhosa é "a que se resulta da inesperada alteração da realidade quer dizer o milagre, ou magia". (BAUTISTA, 1991 p 23).

O *boom* latino-americano foi uma denominação atribuída a um fenômeno que ocorreu na literatura na América Latina nos anos de 1960 e 1970, coincidindo com o realismo mágico, período muito importante para uma série de obras e autores latino-americanos. Este fenômeno se deu através do reconhecimento das obras de um grupo de jovens romancistas latino-americanos em nível mundial.

---

<sup>4</sup> O realismo mágico surge após a primeira guerra mundial. Este conflito liquidou definitivamente o século XIX(caracterizado pelo triunfo da burguesia e seus valores: capitalismo, positivismo, fê na ciência, colonialismo, crença no progresso ilimitado...). O realismo mágico surgiu da "necessidade sentida pela sociedade ocidental, sobretudo burguesa, de retornar à tranquilidade e aos valores duradouros da pré- guerra" (CERVERA, 2014, p. 2, tradução nossa).

A década de 1960 foi marcada pela Revolução Cubana, grande acontecimento político-social ocorrido no final da década de 1959, que causou um impacto imediato e decisivo na literatura latino-americana, fazendo com que vários escritores desse período se unissem em torno de um mesmo programa político: a Revolução Cubana. (COSTA, 2001, p. 1).

Para muitos escritores, o boom não foi apenas um fenômeno comercial, mas também a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América Latina. Nesse período, foram produzidos vários livros de alto valor literário que ganharam projeção internacional. (COSTA, 2001, p. 1).

Podemos considerar que esse período revelou grandes autores e suas respectivas obras como: Gabriel García Márquez com a obra (Cem anos de solidão), Júlio Cortazar com (O jogo da amarelinha), Carlos Fuentes com (A morte de Artemio Cruz), Mario Vargas Llosa e (A cidade e os cachorros), Alejo Carpetier com (O século das luzes), Juan Carlos Onetti e (A vida breve), Miguel Ángel Asturias com (Homens de Milho), José Donoso e (O obscuro pássaro da noite), Ernesto Sábato e (Sobre heróis e tumbas), Juan Rulfo com (Pedro páramo) entre outros.

As principais características das obras do *boom* latino-americano são: emprego de recursos vanguardistas, influências do realismo mágico, tratar o tempo de forma não linear sem uma ordem cronológica certa, jogo de palavras, neologismos, cenários urbanos e rurais, ênfase ao nacionalismo e regionalismo, temas que utilizam fatos da história e da política, personagens que expressam a voz de um povo diante de realidades violentas e marginalizadas na América Latina, rompimento de barreiras entre a fantasia e a realidade.

Segundo Costa (2001), a maioria desses “escritores já vinham publicando seus romances na América Latina e na Europa antes do *boom*,” Porém, eram obras que não tinham grande repercussão, eram reconhecidas apenas pelo número pequeno de leitores. O *boom* funcionou como uma espécie de ímã que atraiu toda atenção para novos e velhos autores criando um caminho que possibilitava a leitura e compreensão da literatura latino-americana. Alguns autores afirmam que o que motivou o *boom* em nível comercial além da qualidade das obras literárias, foram o trabalho e o papel fundamental das editoras inclusive as europeias, que influenciaram muitos leitores em todo o mundo a conhecer a literatura, a cultura e a história da América Latina.



### 1.5- *Cuentos de Eva Luna*

A obra *Cuentos de Eva Luna* (1989) da escritora chilena Isabel Allende, é um livro repleto de narrativas envolventes e sedutoras em que o leitor é provocado a refletir sobre relações sociais entre os gêneros. O livro possui vinte e três contos, que a personagem Eva Luna conta para seu amado Rolf Carlé durante as noites, seguindo como exemplo Scheherazade e As mil e uma noites. Inclusive no início do livro tem uma epígrafe que se remete ao conto Persa. (ABREU, 2009, p. 42)

*Cuentos de Eva Luna* em suas narrativas abordam questões do ponto de vista social, cultural, psicológico e histórico que retratam a realidade na América Latina. Alguns desses contos apresentam mulheres como protagonistas mostrando que a autora tem a intenção de representar o olhar feminino e a luta das mulheres contra as ideologias do patriarcado.

Segundo Navarro (1990), “a conscientização que as personagens de Isabel Allende nos apresenta acerca da discriminação política, social, econômica e familiar já poderia enquadrar estes escritos no rol das obras feministas”. Faz-nos entender que “o despertar da consciência tem um papel importante para que possamos nos apropriar de nossas potencialidades”, e no caso das obras literárias, de maneira sensível “desperta nas mulheres e na sociedade a voz que não apenas denuncia a opressão sofrida pela mulher, mas que também expressa a sensibilidade feminina em qualquer de suas manifestações.” (NAVARRO, 1990, p. 173).

Em *Cuentos de Eva Luna* podemos perceber a existência de vários elementos como: amor, erotismo, raiva, medo, vingança e ódio. Outra característica marcante dentro da narrativa é a valorização do povo da América latina, raças, elementos étnicos, cultura dos povos indígenas latino-americanos. Os personagens estão bem definidos em narrativas com enredos nos quais o leitor se depara com vários contrastes como: desigualdade social, marginalização, pobreza e riqueza, bondade e maldade, poder e miséria, camponeses e fidalgos, sensualidade e machismo.

*Cuentos de Eva Luna* é uma obra composta pelos seguintes contos: *Dos palabras*, *Niña perversa*, *Clarisa*, *Boca de sapo*, *El oro de Tomás Vargas*, *Sí me tocaras el corazón*, *Regalo para una novia*, *Tosca*, *Walimai*, *Ester Lucero*, *María la boba*, *Lo mas olvidado del olvido*, *El pequeno Heidelberg*, *La mujer del juez*, *Un camino hacia el norte*, *El huespede de la maestra*, *Con todo respeto debido*, *Vida interminable*, *Un discreto milagro*, *Una venganza*, *Cartas de un amor tracionado*, *El palacio imaginado*, *De barro estamos hechos*.

Dentre os contos citados destacaremos *El oro de Tomás Vargas* e *Una venganza* para serem analisados dentro do contexto em que a literatura pode ser utilizada como uma ferramenta de crítica social. Através da obra *Cuentos de Eva Luna*, podemos perceber que Isabel utilizou personagens femininas, obstinadas a combater as injustiças impostas às suas condições sexuais, para lutar pelos mesmos direitos dos homens.

## **2- MACHISMO: UM PROBLEMA DA SOCIEDADE LATINO-AMERICANA.**

Neste capítulo apresentaremos as definições da palavra machismo, seu conceito e o modo como afeta a sociedade de maneira geral, faremos uma abordagem sobre o machismo em nosso continente e suas configurações históricas, desde o processo de colonização até a atualidade, também faremos alguns apontamentos sobre o machismo na literatura, discutiremos o conceito de masculinidades hegemônicas e a árdua caminhada das mulheres dentro do universo literário, os prejuízos e preconceitos que enfretam.

### **2.1- Definições**

Segundo o dicionário Caldas Aulete, há três definições para o machismo: 1- Opinião ou procedimento discriminatórios que negam à mulher as mesmas condições sociais e direitos do homem. 2- qualidade, atitude ou modos de macho, macheza, 3- valentia exagerada e ostentatória.

O Machismo constitui-se por determinados comportamentos e atitudes de um indivíduo que nega a igualdade entre os gêneros sexuais, é um sistema hierárquico de valores e regras patriarcais que enaltece e supervaloriza o sexo masculino. Essa ideia transforma as diferenças de gênero em desigualdades e oprime homens e mulheres, porque determina um padrão de comportamento; ao homem é atribuído o modelo de superioridade, força e poder, enquanto à mulher é atribuído o modelo de inferioridade, fraqueza, fragilidade, gerando opressão e violência. Essas desigualdades atravessaram gerações ao longo da história, uma herança cultural que está enraizada na sociedade até os dias atuais. (DRUMONT, 1980, p. 81)

O machismo afeta não apenas as mulheres, homens também são vítimas dessa ideologia, com menor grau de prejuízo e preconceito em relação ao sexo oposto, porém lhes são impostos determinados comportamentos. Desde criança, o menino é ensinado que homem não deve chorar, que rosa é cor de menina e azul é cor de menino, que tarefas domésticas são para mulheres, que não deve receber ordem de mulher, que cozinha não é lugar de homem.

Essas e outras frases machistas estão em nosso cotidiano e são passadas para várias gerações de maneira cultural.

*El machismo, como construcción cultural, es un modo particular de concebir el rol masculino, modo que surge de la rigidez de la mayor parte de las sociedades del mundo contemporáneo, para establecer y agudizar las diferencias de género entre sus miembros. Es así como se generan expectativas de comportamiento en torno del varón que incluyen valores y actitudes, conformando de este modo una concepción ideológica asentada en la superioridad del macho en relación con la hembra, superioridad que se ha pretendido fundamentar desde distintas perspectivas ideológicas a lo largo de la historia del pensamiento. (KAUT, 1993, et al, p.276).<sup>5</sup>*

Essa cultura traz grandes consequências para ambos os gêneros, de maneira que, se não correspondem a esse padrão, imediatamente são rejeitados pela própria sociedade. Utilizando alguns exemplos bem grosseiros como: um homem pode trair sua parceira estando em um relacionamento sério, mas se a mulher trair seu parceiro receberá um tratamento ofensivo e degradante, enquanto para o homem receberá atributos positivos de masculinidade e virilidade.

A sociedade encontra-se em processo de mudança e as mulheres aos poucos estão conquistando seu espaço, porém essa luta está longe de acabar. Sem dúvidas estas mudanças permitem o reconhecimento da igualdade dos direitos de ambos os sexos. Portanto, busca pela igualdade deve ser um objetivo comum a todos para que haja uma transformação de uma sociedade igualitária.

## **2.2-O machismo em nosso continente: configurações históricas**

Traçar uma linha do tempo do machismo não é tarefa fácil, a construção histórica dos sujeitos com suas posições de dominação e de subordinação determinadas pelos gêneros está relacionada diretamente com a propriedade privada, fazendo com que haja uma inversão entre os sexos submetendo a mulher à condição de objeto do homem, conforme Engels (1987).

Dessa forma, pois, as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a idéia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da

---

<sup>5</sup> O machismo, como uma construção cultural, é um modo particular de conceber o papel masculino, um modo que surge da rigidez na maioria das sociedades contemporâneas, para estabelecer e aguçar as diferenças de gênero entre seus membros. É assim que geram expectativas comportamentais em relação ao homem que incluem valores e atitudes, conformando dessa maneira uma concepção ideológica baseada na superioridade do macho em relação à fêmea, superioridade tentou se basear a partir de diferentes perspectivas ideológicas ao longo da história”. (KAUT, 1993, et al, p. 276, tradução nossa).

herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. Esse direito teria que ser abolido, e o foi. [...]. Bastou decidir simplesmente que, de futuro, os descendentes de um membro masculino permaneceriam na gens, mas os descendentes de um membro feminino sairiam dela, passando à gens de seu pai. Assim, foram abolidas a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno (ENGELS, 1987, p. 59-60).

Com o surgimento da propriedade privada a mulher foi excluída da produção social e passou a ocupar-se das funções domésticas e reprodutoras passando à condição de submissão, escrava do lar e objeto sexual para o homem. A relação de poder entre os sexos está enraizada nas civilizações de forma milenar e vem sendo repetida ao longo da história nas sociedades em todo o mundo e chega à atualidade ainda com muita força atingindo homens e mulheres de todas as classes sociais, Connell (1995) afirma que “Tais instituições apresentam a presença majoritária de um dos sexos nas instituições” (CONNELL, 1995, p.64-67), como no meio militar e dentro da política, ciência e tecnologia, por exemplo, onde a presença do sexo masculino é percebida em maior número, o que apresenta desde uma perspectiva histórica o sexo masculino como hegemônico dentro das instituições sociais.

Antes de adentrar no conceito de masculinidade hegemônica, faz-se necessário trazer o conceito de masculinidade que, segundo Connell (1995) é definida como um conjunto de diversas práticas de poder em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero de uma sociedade, ainda em Connell (1995), vemos que o conceito de masculinidade hegemônica problematiza e traz a compreensão de questões relacionadas ao poder, à desigualdade material e à violência, tanto fora como dentro do seio familiar, o autor afirma ainda que o gênero dos homens era percebido, de forma “equivocada”, como “o papel do sexo masculino”, “essa definição concebe um conjunto de expectativas e atitudes que determinavam a masculinidade como sendo “apropriada” e que não admitia perceber essa complexidade no interior da masculinidade e as variadas formas que ela apresenta.” (CONNELL, 1995, p. 36-37).

O autor afirma ainda que esse conceito, que foi formulado há quase duas décadas, influenciou e ainda influencia o pensamento atual sobre homens, gênero e hierarquia social (CONNELL, 1995, p 36-37). Há, portanto, uma naturalização de qual lugar (de dominação e de dominado) cada gênero deve ocupar. Segundo Bourdieu (2003, p. 33), esses sistemas simbólicos são construídos historicamente e tidos como naturais e assim, cumprem sua função

política instrumentalizando e dando legitimação a essa hegemonia que é, em grande medida, uma violência simbólica.

Os países da América Latina são marcados pelo machismo de uma maneira muito forte desde seus processos de colonização. Essa hegemonia ocorre não apenas sobre a questão de gênero, mas também no que desrespeito a raça, etnia, sexualidade, dentre outras, impostas aos povos latino-americanos e que são existentes até a atualidade. Como Santos e Silva (2018) afirmam:

O Feminismo Latino-americano compreende que a ego-corpo-política do conhecimento está na base do processo de colonialismo da América Latina, tendo em vista que as práticas cotidianas estiveram pautadas em um modo de produção e reprodução da vida nos moldes patriarcais que gestaram novas formas de dominação e exploração entre europeus, povos originários e os negros escravizados. (SANTOS e SILVA, 2018, p.122).

Essas relações de desigualdade são estabelecidas através da dominação e exploração dos povos o que constitui e classifica uma hierarquia tomando como referência o homem branco como superior e mulheres, negros e índios como inferiores. A partir da década de 1980 houve um grande fortalecimento dos movimentos sociais populares, dentre os quais se originaram os movimentos feministas em basicamente toda América Latina. Lutas de mulheres que proclamavam por mudanças estruturais urgentes para acabarem com as opressões as quais eram submetidas. (SANTOS e SILVA, 2018, p. 128).

Diante de um cenário de reivindicações o sistema do patriarcado se reinventa na intenção de parar as reivindicações dos movimentos feministas e se unem ao neoliberalismo “utilizando-se da institucionalização dos movimentos sociais, visando despolitizar os movimentos feministas na luta das opressões sofridas”. (SANTOS e SILVA, 2018, p. 128)

### **2.3 - O machismo na literatura: masculinidades hegemônicas**

O século XX foi marcado por grandes mudanças no meio político, social e econômico. Pode-se afirmar que na América Latina essas transformações ocorreram de forma mais acentuadas e marcadas por ditaduras, movimentos populares e tentativas liberais, refletindo diretamente nas sociedades e nas culturas latino-americanas de maneira geral.

Durante muito tempo a situação da mulher na sociedade foi marcada pela dominação e autoritarismo das tradições patriarcais. Drumont (1980) afirma que “desde criança o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o

de inferioridade da menina.” (DRUMONT, 1980, p 81). A mulher começa a lutar para se libertar dessas imposições e conquistar seu espaço, e evidentemente que no espaço literário não foi diferente, pois durante muito tempo a voz feminina foi silenciada.

Como ocorre com as minorias, a voz da mulher sempre foi silenciada, o que a impediu de desenvolver uma linguagem própria. Desse modo, para poder expressar-se, precisa utilizar a linguagem do gênero dominante, através do desenvolvimento de uma modalidade de articulação de sua consciência por meio de ritos e símbolos que se configuram num espaço próprio. (ZINANE, 2006, p. 260).

Existiam algumas dificuldades e resistência por parte da sociedade a respeito de a mulher publicar suas obras usando seu próprio nome, o privilégio de saber ler e escrever era para poucas mulheres, pois muitas nunca foram alfabetizadas, e poucas mulheres escreviam, e a maioria publicava usando pseudônimos masculinos ou os nomes de seus maridos. O posicionamento da mulher na sociedade latino-americana é questionado através de obras que buscam verificar de que forma a mulher é representada, esta literatura expressa a linguagem da realidade fantástica, ou seja, um processo histórico comum agindo no imaginário, permitindo a construção de uma “identidade espacial específica” que se revela através da literatura.(ZINANE, 2006, p. 258).

Como consequência, a atenção da crítica foi atraída para obras de ficção produzidas por mulheres em que elas constituem o sujeito e não mais o objeto do foco narrativo, na medida em que refletem a condição feminina ou se debruçam sobre um acervo cultural silenciado. (ZINANE, 2006, p. 254).

Zinane (2006) afirma que há uma preocupação da ficção com a história, cujo seu objetivo é buscar uma utopia de um mundo melhor, busca essa que reflete os sonhos do escritor, ao mesmo tempo em que se converte em porta-voz dos anseios da comunidade. Afirma ainda que, maioria da literatura produzida na América Latina de autoria feminina estabelece relações significativas com a história, na medida em que questiona a própria escritura da história, vista como produto de uma cultura hegemônica e androcêntrica.

Não se trata de incluir o elemento feminino na história já escrita, mas de repensar essa história a partir da perspectiva da mulher. Assim, a síntese entre literatura e história, por meio do estudo crítico, permite a percepção de um modelo de sociedade que desvela a discriminação sofrida por quem não pertence ao segmento dominante e possibilita a difusão da idéia de construção de um “projeto substitutivo” no mundo real, considerando a discussão sobre as questões de gênero e literatura. (ZINANE, 2006, p. 258).

Podemos afirmar que a mulher não cosquistou apenas o direito da escrita literária, conquistou sua própria identidade superando as limitações impostas pela sociedade machista. Essa representação feminina carregada de ideologias e discursos que nos leva a refletir sobre nossos papéis no presente e conseqüentemente contribuem para um novo modelo de sociedade.

### **3 – DORES E REAÇÕES: A TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS DE ALLENDE**

Neste capítulo faremos as análises dos contos *Una venganza* e *El oro de Tomás Vargas*, investigando de que maneira os personagens masculinos exercem poder, controle, força e violência contra as personagens femininas. Abordaremos também a forma como essas personagens reagem diante das atrocidades e injustiças às quais estão submetidas, aproximando essas duas narrativas com a realidade do nosso cotidiano e da América Latina.

#### **3.1 - *Una venganza***

O conto *Una venganza* da escritora Isabel Allende, é uma narrativa que apresenta a violência e a brutalidade dos homens, como também a expressão do desprezo e inferioridade dada às mulheres através dos pensamentos e atitudes machistas. O conto narra à figura de uma jovem chamada Dulce Rosa Orellano, filha de um dos homens mais importantes do povoado, o senhor Senador Anselmo Orellano, e por ser de determinada posição social recebe desmerecidamente o título de rainha do carnaval, o que causa grande revolta entre outras jovens.

*La noche de la elección de la reina hubo baile en la Alcaldía de Santa Teresa y acudieron jóvenes de remotos pueblos para conocer a Dulce Rosa. Ella estaba tan alegre y bailaba con tanta ligereza que muchos no percibieron que en realidad no era la más bella, y cuando regresaron a sus puntos de partida dijeron que jamás habían visto un rostro como el suyo. Así adquirió inmerecida fama de hermosura y ningún testimonio posterior pudo desmentirla. La exagerada descripción de su piel traslúcida y sus ojos diáfanos, pasó de boca en boca y cada quien le agregó algo de su propia fantasía. (ALLENDE, 1989, p. 178)<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup>Na noite da eleição da rainha, houve um baile na prefeitura de Santa Teresa e jovens de vilarejos remotos vieram conhecer Dulce Rosa. Ela estava tão alegre e dançava com tanta rapidez que muitos não perceberam que na realidade ela não era a mais bonita e, quando retornaram a seus destinos, disseram que nunca haviam visto um rosto como o dela. Assim, adquiriu uma reputação inmerecida de beleza e nenhum testemunho posterior poderia

Desta forma os rumores da beleza de Dulce Rosa chegam aos ouvidos de Tadeo Céspedes, um grande inimigo político do pai de Dulce. Ele era um homem violento, já não se recordava mais dos beijos de sua mãe nem dos cantos da missa, se ocupava somente da guerra civil. Céspedes realiza uma expedição punitiva no povoado de Santa Teresa para eliminar seus opositores, seguindo para a vila do Senador Orellano.

*Con ciento veinte hombres entró al pueblo de noche para dar un escarmiento y eliminar a los cabecillas de la oposición. Balearon las ventanas de los edificios públicos, destrozaron la puerta de la iglesia y se metieron a caballo hasta el altar mayor, aplastando al Padre Clemente que se les plantó por delante, y siguieron al galope con un estrépito de guerra en dirección a la villa del Senador Orellano, que se alzaba plena de orgullo sobre la colina. (ALLENDE, 1989, p. 179)<sup>7</sup>*

Em seguida o desfecho da história de Dulce é de tristeza e muito sofrimento, uma violenta e aterrorizante chacina na vila onde Dulce Rosa Orellano e seu pai vivem. O Senador Orellano esperou Tadeo Céspedes depois de trancar sua filha no último quarto do pátio. Quando o pai de Dulce ouviu os primeiros tiros, deu a ordem para aquele que ficasse vivo entre seus companheiros deveria ir até o quarto onde sua filha estava e a matasse para que ela não caísse nas mãos de Céspedes. O senador observou seus amigos morrerem um a um e logo percebeu que seria o último a perder a vida, se rastejou até o último quarto onde tinha escondido sua filha, abriu a porta e viu que ela o aguardava, ela estava com o mesmo vestido usado no baile de carnaval e enfeitou seu cabelo com as flores da coroa.

Orellano diz a sua filha que havia chegado a hora de morrer, enquanto engatilhava a arma Dulce lhe pediu para que não a matasse, que a deixasse viva para se vingar: “– *No me mate, padre – replicó con la voz firme – Déjeme viva, para vengarlo y para vengarme*”.(ALLENDE, 1989, p. 180)<sup>8</sup>

A menina se sentou ao lado do seu pai e quando os primeiros homens empurraram a porta o Senador ainda efetuou seis tiros antes de perder os sentidos. Logo Tadeo pensou que estava sonhando ao ver um anjo coroado de jasmims que sustentava um velho agonizante em seus braços enquanto seu vestido branco se encharcava de vermelho. Sem nenhuma piedade

---

negá-lo. A descrição exagerada de sua pele translúcida e seus olhos diáfanos passou de boca em boca e todos acrescentaram um pouco de sua própria fantasia. (Tradução nossa)

<sup>7</sup>Com cento e vinte homens entraram no povoado à noite para dar uma lição e eliminar os líderes da oposição. K Eles atiraram nas janelas dos prédios públicos, quebraram a porta da igreja e foram até o altar principal, esmagando o padre Clemente, que estava diante deles, e continuaram galopando com um estrondo de guerra em direção à vila de Senador Orellano, que se destacava plena e orgulhosa em cima da colina. (Tradução nossa)



falou que a menina era dele e que ninguém a tocasse. “– *La mujer es para mí – dijo antes que sus hombres le pusiera las manos encima.*”(ALLENDE, 1989, p. 181) <sup>9</sup>

Amanheceu o dia e quando Dulce Rosa pôde ficar de pé, caminhou até a fonte do jardim que no dia anterior estava rodeada de magnólias e agora era só uma poça de água em meio aos escombros. Ela submergiu na água fria e quando o sol apareceu pôde ver a água ficar rosada do sangue que brotava entre suas pernas e do seu pai que havia secado em seus cabelos, a jovem se lavou, entrou nas ruínas de sua casa, pegou algo para se cobrir e saiu pelo caminho para apanhar os restos mortais de seu pai que foi amarrado e arrastado pelos pés a galopes de cavalo pelas ladeiras da colina.

Os anciãos do povoado ajudaram a enterrar os mortos do massacre e a apagar alguns vestígios de incêndio, imploraram para que Dulce fosse embora viver com sua madrinha em outro povoado, onde ninguém a conhecesse, ela se negou e formou uma grande equipe para reconstruir a casa. A partir daquele momento Dulce viveu para se vingar, a medida que os anos foram passando, o desejo de vingança a mantinha alerta noite e dia.

Todos os acontecimentos não tiraram seu sorriso do rosto nem sua boa vontade, aumentando mais ainda sua reputação de beleza, e assim Dulce tocava sua vida, muitos se perguntavam como era possível que a jovem não havia acabado em uma camisa de força ou em um convento; o tempo passou e as pessoas se esqueceram da tragédia e do assassinato do Senador. Alguns cavaleiros de renome e fortuna atraídos pelo prestígio, beleza e sentatez da jovem lhe fizeram proposta de casamento, Dulce Rosa rejeitou a todos, seu único propósito era a vingança.

Tadeo Cespedes também não tirou da memória aquela noite, constantemente vinha em sua cabeça à imagem da menina vestida de baile e coroada de jasmims, a qual teve que suportar todos os maltratos em silêncio, com o passar do tempo Tadeo se transformou em um homem tranquilo e trabalhador, todos se esqueceram da guerra civil, ele comprou uma fazenda do outro lado da serra, se dedicou a administrar justiça e virou prefeito. Em todas as mulheres que buscou prazer enxergava o rosto da rainha do carnaval, o impedindo de ser feliz, e para sua desgraça os versos das canções que traziam o nome Dulce não permitia que ele a tirasse de seu coração.

Não suportando mais tamanha amargura resolveu reparar esse erro e saiu em busca de Dulce, pois sabia que a encontraria no mesmo lugar, deixou o veículo a cem metros da

---

<sup>8</sup> –Não me mate, pai –Replicou com a voz firme –Deixe-me viva para vingá-lo e para me vingar. (Tradução nossa)

<sup>9</sup> – A mulher é para mim – disse antes que seus homens lhe pusessem as mãos em cima. (Tradução nossa)

porta e não se atreveu a entrar, sentiu que seu coração estava prestes a explodir dentro do peito, ia dar a meia volta, até enxergar a figura da mulher que amava.

*Por fin vienes, Tadeo Céspedes -dijo ella al divisarlo, sin dejarse engañar por su traje negro de alcalde ni su pelo gris de caballero, porque aún tenía las mismas manos de pirata. Me has perseguido sin tregua. No he podido amar a nadie en toda mi vida, sólo a ti - murmuró él con la voz rota por la vergüenza. Dulce Rosa Orellano suspiró satisfecha. Lo había llamado con el pensamiento de día y de noche durante todo ese tiempo y por fin estaba allí. Había llegado su hora. Pero lo miró a los ojos y no descubrió en ellos ni rastro del verdugo, sólo lágrimas frescas. Buscó en su propio corazón el odio cultivado a lo largo de su vida y no fue capaz de encontrarlo. (ALLENDE, 1989, p. 183)<sup>10</sup>*

Ela suspirou satisfeita, o chamou com o pensamento dia e noite durante muito tempo e enfim seu maior pesadelo estava novamente diante de si, finalmente havia chegado à hora de sua vingança, no entanto, Dulce o olhou nos olhos e percebeu que já não havia sinal do homem que um dia foi seu carrasco, buscou o ódio que havia cultivado em seu coração ao longo de sua vida e não foi capaz de encontrar, não sentiu a alegria esperada em seu plano de vingança, pelo contrário, sentiu uma profunda melancolia, a jovem compreendeu aterrorizada que de tanto pensar nele, seus sentimentos se transformaram em amor.

Dulce e Céspedes se renderam aos seus sentimentos, decidiram se casar e quando estava faltando dois dias para o casamento, ainda nos preparativos da festa, enquanto estava provando o vestido de noiva, ela viu seu reflexo no espelho, muito parecida com o dia da coroação de rainha do carnaval, ela compreendeu que não poderia mais seguir enganando seu coração, que não poderia mais realizar a vingança que desejava porque acabou amando o homem que um dia foi seu maior terror, mas também percebeu que não calaria o fantasma do seu pai, que precisava cumprir a sua promessa.

Dulce dispensou a costureira, pegou uma tesoura e foi para o quarto que permaneceu desocupado todo aquele tempo, a jovem tirou sua própria vida e quando Tadeo conseguiu entrar no quarto ele a viu morta e aquilo o destruiu totalmente, no final das contas ter tirado a

---

<sup>10</sup> Você finalmente veio, Tadeo Céspedes - disse ela ao vê-lo, sem ser enganada pelo traje preto de prefeito ou pelos cabelos grisalhos de cavalheiro, porque ele ainda tinha as mesmas mãos de pirata. Você me perseguiu sem trégua. Não fui capaz de amar ninguém em toda a minha vida, só você - ele murmurou com uma voz falhada pela vergonha. Dulce Rosa Orellano suspirou satisfeita. Ela o chamava com o pensamento de dia e noite durante todo esse tempo e finalmente estava lá. Havia chegado a sua hora. Mas ela olhou nos olhos e não encontrou sinal do carrasco neles, apenas lágrimas frescas. Ela buscou em seu próprio coração o ódio cultivado ao longo de sua vida e não foi capaz de encontrá-lo. (Tradução nossa)

própria vida foi à maior dor que Dulce pode proporcionar a Céspedes e de certa forma a vingança da família Orellano estava realizada.

### 3.2 - *El oro de Tomás Vargas*

O conto *El oro de Tomás Vargas* é uma narrativa que nos apresenta a história de Tomás Vargas um homem violento, mulherengo, avarento, que maltratava sua esposa e seus filhos; antes do progresso chegar ao povoado de *Agua Santa*, as pessoas que possuíam alguma riqueza tinham o hábito de enterrar seu ouro, era a forma mais conhecida de guardar dinheiro. Com a chegada do progresso as pessoas passaram a confiar nos bancos e trocaram suas moedas de ouro por dinheiro de papel, porém Tomás Vargas não confiava nesse sistema e mantinha seu tesouro enterrado em um lugar seguro.

*Tomás tenía sus morocotas de oro en un entierro seguro aunque eso atenuó sus hábitos de avaro y de pordiosero. Era hombre sin decencia, pedia dinero prestado sin intención de devolverlo y mantenía a los hijos con hambre y la mujer en harapos, mientras él usaba sombreros de pelo de guama y fumaba cigarros de caballero. Ni siquiera pagaba la cuota de la escuela, seis hijos legítimos se educaron gratis porque la Maestra Inés decidió que mientras ella estuviera en su sano juicio y con fuerzas para trabajar, ningún niño del pueblo se quedaría sin saber leer. (ALLENDE, 1989, p. 44)<sup>11</sup>*

Tomás Vargas sentia orgulho em se declarar o homem mais macho da região, sempre que estava embriagado anunciava em praça pública os nomes das garotas que havia seduzido e dos filhos bastardos que carregavam seu sangue. Riad Halabí o dono do armazém era o único capaz de fazê-lo se envergonhar. Antonia Sierra é a esposa de Tomás, vinte e seis anos mais jovem, porém com o corpo desgastado pelo trabalho duro e pelas muitas vezes em que esteve grávida; ocupava as horas do seu dia realizando inúmeras tarefas, cuidava dos filhos, da horta, das galinhas, cozinhava o almoço para os policiais, lavava roupa alheia e limpava a escola que seus filhos estudavam. Era muito orgulhosa, só andava de cabeça erguida e não aceitava ajuda de ninguém a não ser em forma de presentes para seus filhos; às vezes andava

---

<sup>11</sup> Tomás tinha suas moedas de ouro em um enterro seguro, embora isso atenuasse seus hábitos de avareza e mendigo. Ele era um homem sem decência, pedia dinheiro emprestado sem intenção de devolvê-lo e mantinha seus filhos com fome e a mulher em trapos, enquanto usava chapéus de cabelo de guama e fumava charutos. Ele nem pagava a taxa da escola, seis filhos legítimos foram educados de graça, porque a maestra Inês decidiu que, enquanto ela estivesse em sã consciência e com força para trabalhar, nenhuma criança do povoado ficaria sem saber de ler. (Tradução nossa)

com alguns machucados em seu corpo, e embora ninguém perguntasse, todos sabiam que eram resultado das surras que seu marido lhe dava.

*Antonia Sierra, mujer de Vargas, era veintiséis años menor que él. Al llegar a la cuarentena ya estaba muy gastada, casi no le quedaban dientes sanos en la boca e su aguerrido cuerpo de mulata se había deformado por el trabajo, los partos y los abortos; sin embargo aún conservaba la huella de su pasada arrogancia, una manera de caminar con la cabeza bien erguida y la cintura quebrada, un resabio de antigua belleza, un tremendo orgullo que pasaba en seco cualquier intento de tenerle lástima. Apenas lle alcanzaban las horas para cumplir su día, porque además de atender a sus hijos y ocuparse del huerto y gallinas ganaba unos pesos cocinando el almuerzo de los policías, lavando ropa ajena y limpiando la escuela. As veces andava con el cuerpo sembrado de magullones azules y aunque nadie preguntava, toda Agua Santa sabía de las palizas propinadas por su marido. (ALLENDE, 1989, p. 45)<sup>12</sup>*

Tomás fez Antonia enfrentar uma nova humilhação no dia em que uma jovem morena de baixa estatura que se chamava Concha Díaz chegou a *Agua Santa* afirmando esperar um bebê de Tomás, embora em princípio Tomás tenha negado ser o pai da criança Riad Halabí enfrentou Vargas perguntando se o velho não tinha vergonha já que tinha idade de ser avô da garota, Tomás decide levar Concha para sua casa e quando Antonia Sierra volta do trabalho se depara com Concha descansando em sua cama. Nesse instante Antonia esquece seu orgulho e demonstra estar totalmente indignada com a situação; os gritos e murmúrios eram contínuos e odiava com todas as suas forças a garota.

*Así fue como al volver de su trabajo Antonia Sierra encontro a otra mujer descansado en su hamaca y por primera vez el orgullo no le alcanzó para disimular sus sentimietos(...), porque el la había aguantado mucho sufrimento y mucha decepción, todo en nombre de sus hijos,pobres inocentes,pero ya estaba bueno, ahora todos ibam a ver quién era Antonia Sierra. (ALLENDE, 1989, p. 47)<sup>13</sup>*

---

<sup>12</sup> Antonia Sierra, era a mulher de Vargas, era 26 anos mais nova que ele. Quando ela chegou aos quarenta anos, já estava muito desgastada, quase não tinha dentes saudáveis na boca e seu corpo havia sido deformado pelo trabalho, partos e abortos; no entanto, ela ainda mantinha seu orgulho, uma maneira de andar com a cabeça erguida e a cintura quebrada, um resquício da antiga beleza, um grande orgulho que passava por qualquer tentativa de sentir pena dela. As horas não eram suficientes para completar seu dia, porque além de cuidar dos filhos e cuidar do jardim e das galinhas, ela ganhava alguns pesos cozinhando o almoço dos policiais, lavando as roupas de outras pessoas e limpando a escola. Às vezes, ela andava com machucados azulados pelo corpo e, embora ninguém perguntasse, toda a Água Santa sabia dos espancamentos dados pelo marido. (Tradução nossa)

<sup>13</sup> E assim ao voltar de seu trabalho, Antonia Sierra encontrou outra mulher descansando em sua rede e, pela primeira vez, o orgulho não a alcançou para esconder seus sentimentos. (...), porque ela já havia aguentado muito sofrimento e muita decepção, tudo em nome de seus filhos, porém já estava bom, agora todos iam ver quem era Antonia Sierra. (Tradução nossa)

Embora alguns vizinhos tentassem explicar que toda essa situação não era culpa de Concha Díaz e sim de Vargas, Antonia não estava disposta a escutar, durante as noites Antonia dormia na cama com seus filhos se maldizendo e reclamando, enquanto seu marido dormia com Concha Díaz em seu quarto.

Com o passar dos meses a barriga de Concha crescia, suas pernas ficaram muito inchadas, Antonia percebeu que a garota estava ficando mais magra, e aos poucos começou a cuidar de Concha pedindo até que Riad Halabí a levasse para o hospital. O sofrimento da outra mulher fez Antonia se lembrar de sua juventude, de sua primeira gravidez, das surras e das humilhações que suportava, Antonia passou a sentir compaixão de Concha, que tentava retribuir a ajuda recebida limpando a casa e fazendo o jantar enquanto Antonia estava trabalhando.

Depois que o bebê nasceu Tomás exigiu que Concha voltasse a dormir com ele mesmo ela estando com o corte da cesária fresco em seu ventre, Antonia se pôs diante de Tomás e o enfrentou pela primeira vez em sua vida, depois desse episódio Tomás não voltou mais a maltratar as duas mulheres, e se tornou um homem viciado em jogos de azar, depois de vencer o Tenente da cidade e passar dois dias se vangloriando de seu triunfo, Vargas aceita uma revanche, porém dessa vez os dois apostariam altos valores, a disputa mobilizou a cidade e todos estavam presentes para assistir ao jogo, menos Antonia Sierra e Concha Díaz.

Riad Halabí ficou encarregado de revistar tudo e garantir que não haveria nenhum tipo de trapaça, de acordo com as normas estabelecidas o ganhador da revanche foi o Tenente e Tomás precisaria desenterrar o seu tesouro para pagar a aposta, porém, ao chegar ao local onde supostamente o ouro estava enterrado Vargas chora desesperado alegando que o ouro não estava no local em que deveria estar.

Sem ter como pagar o que havia apostado, alguns dias depois Tomás Vargas foi encontrado morto, Antonia Sierra e Concha Díaz o enterraram sem grande comoção; depois do cortejo foram até a cidade e compraram roupas para toda a família, arrumaram o rancho, com tábuas novas, agregaram mais dois quartos à casa, começaram a criar galinhas e coelhos e compraram um fogão a gás para montar uma indústria de comidas, saindo da miséria e iniciando um caminho de prosperidade.

### **3.3– Poder, controle, força e Violência.**

Em ambos os contos analisaremos alguns pontos que consideramos de grande relevância para atingir nossos objetivos de pesquisa, em nossa primeira categoria de análise

começaremos destacando o pensamento do senador Anselmo Orellano no conto *Una Venganza* que lamenta o fato de não ter filhos homens que pudessem ajudá-lo a defender sua família: “*En ese momento lamentó, como tantas otras veces en su vida, no tener descendientes varones que lo ayudaran a enpuñar las armas y defender el honor de su casa.*” (ALLENDE, 1989, p. 179)<sup>14</sup>. Através do discurso do senador percebemos o machismo que impera na sociedade, já que a filha por ser mulher era considerada frágil e não teria capacidade de ajudar a defender a honra da família no momento que o bando de Tadeo Cespedes invadiu sua propriedade, para Drumont (1980):

O machismo constitui, portanto, um sistema de *representações-dominação* que utiliza o argumento do sexo mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres reduzindo-os a sexos hierarquizados divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. (DRUMONT, 1980, p. 82)

Tomando como referência a fala do senador no conto de Allende e as considerações de Drumont (1980), vemos que através desse sistema o machismo atribui apenas ao sexo masculino capacidade para a realização de algumas tarefas. Outro fator importante no conto que fortalece nosso argumento sobre a força e o controle do machismo contra o sexo feminino se dá também nas ações do próprio Senador que dá a ordem para que o último que ficasse de pé matasse sua filha para que ela não caísse nas mãos do seu inimigo, quando ele percebeu que todos haviam morrido e restando apenas ele, então o próprio Senador estaria disposto a matar a própria filha.

Percebemos que a dominação do patriarcado está fortemente marcada nesse trecho, pois o pai exerce poder e controle sobre Dulce, mesmo que seja com a intenção de protegê-la, não oferecendo à filha o direito de escolha diante daquela situação, preferindo matá-la a deixá-la viva, um último ato de orgulho para não oferecer ao seu inimigo um sentimento completo de vitória, a menina teve que implorar para ficar viva: “– *No me mate, padre – replicó con la voz firme – Déjeme viva, para vengarlo y para vengarme*” (ALLENDE, 1989, p. 180) apenas no último instante o Senador percebeu que a filha tinha vontade de viver e que poderia sobreviver para cumprir o que lhe havia prometido.

Ainda no conto *Una venganza* vemos que o personagem Tadeo Cespedes desde o princípio também apresenta atitudes machistas e controladoras, inclusive declarando para

---

<sup>14</sup> Naquele momento, ele se lamentou, como tantas outras vezes em sua vida, de não ter filhos homens para ajudá-lo a empunhar as armas e defender a honra de sua casa. (Tradução nossa)

todos que o único homem que tocaria em Dulce seria ele próprio, demonstrando poder para com os seus subordinados e utilizando da força para abusar de Dulce: “– *La mujer es para mí – dijo antes que sus hombres le pusiera las manos encima.*”(ALLENDE, 1989, p 181) nesse ponto vemos que para Tadeo a demonstração de força diante dos próprios aliados fortaleceria seu ego machista e violentar a filha do seu inimigo seria um troféu, através do discurso de Tadeo Cespedes podemos perceber que ele passa a ter poder e controle sobre Dulce, exercendo-os de forma brutal e violenta para cometer um estupro, como na sociedade machista sua reputação não seria manchada e como não haveria punição para seu ato, ele sairia ileso sem prestar contas à sociedade e ainda com fama de virilidade e macheza por ter deflorado uma jovem de quinze anos, novamente em Drumont vemos que:

Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens, representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina. Nesta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc. (DRUMONT, 1980, p. 82)

Já no conto *El oro de Tomás Vargas* podemos identificar que Tomás exerce poder e controle sobre sua família, posto que ele usufruía de certo conforto enquanto sua esposa e seus filhos passavam por privações. Tomás era um homem violento, mulherengo e avaro que gostava da farra, para ele importava mais o dinheiro que sua família, ficando evidentemente claro o uso da violência contra a sua esposa que andava com alguns machucados pelo corpo; Isabel Allende expõe o drama feminino da opressão e da violência através do marido machista e egoísta, a realidade de milhares de mulheres em nosso continente que infelizmente se mantêm reféns dos caprichos dos maridos e impossibilitadas de reagir, seja pelo medo, falta de recursos, falta de apoio das famílias e etc. Segundo Drumont “em termos da colocação adotada, o machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p.81); ou seja, a sociedade aceita esse padrão de dominação como normal e negligencia a violência contra a mulher, levando em conta a questão da privacidade e que não se deve intervir nos relacionamentos entre casais.

Diante do que foi apresentado vemos que ambos os contos trabalham de uma maneira bastante clara a forma como o machismo impera na sociedade hispanoamericana, nos contos de Allende vemos que os personagens masculinos estavam livres para praticar vários

atos indecentes e que a sociedade julgaria todos como normais, a mulher dessa maneira se convertia em uma propriedade, sustentado assim a hierarquia do patriarcado.

Ora, sabemos que a mulher enquanto polo dominado assume a opressão de diferentes formas, na condição de vítima ela afirma cada vez mais sua posição oprimida, não assumindo a direção de seu próprio destino social, não se engajando numa luta pela própria libertação. (DRUMONT, 1980, p. 84)

Diante de todo o ocorrido na vida das personagens femininas que estamos analisando, percebemos claramente que além da violência física, todas também enfrentaram violência psicológica, o que fortalece a posição de submissão, na personagem Dulce vemos que diante da forma brutal como perdeu seu pai e todos que a cercavam, ela carregava em seus pensamentos durante toda a vida, os traumas causados por seu agressor, fazendo com que ela se tornasse uma mulher fria e fechada para seguir sua vida em frente e se relacionar com outro homem.

E com relação à Antonia Sierra e Concha Díaz, vemos que ambas tiveram sua autoestima ferida diante das humilhações vividas, tornando-as reféns de seus medos e da opinião da sociedade, e para superar tais questões ambas tiveram que unir forças para superarem os maus tratos e trabalharem unidas pelo bem estar próprio e de suas famílias, no próximo ponto discutiremos mais a fundo o poder de reação das três personagens.

### **3.4 – Reações das personagens femininas**

Em nossa segunda categoria de análise destacaremos alguns pontos relevantes em ambos os contos que consideramos fundamentais objetivando alcançar os resultados de nossa pesquisa, nesse ponto destacaremos o poder de reação das personagens femininas, começaremos analisando a forma com que Dulce Rosa conseguiu reagir diante de tantas tragédias que precisou enfrentar, provando que tinha capacidade de vencer os obstáculos e se tornando mais forte, mesmo tendo que lutar sozinha e de forma independente em uma sociedade totalmente machista.

Muitos se perguntaram como a jovem não havia enlouquecido depois do ocorrido, achavam que ela não teria capacidade de superar tudo que sofreu, no entanto mesmo diante de inúmeras adversidades Dulce carregava um sorriso em seu rosto, aumentando ainda mais sua fama de beleza, o que atraiu alguns cavalheiros de boa reputação para lhe propor



casamento e assumir a jovem violentada, ela rejeita a todos, pois se mantinha fiel ao seu desejo de vingança.

*Algum caballeros de renombre y fortuna lograron sobreponerse al estigma de la violación y, atraídos por el prestigio de belleza y sentatez de Dulce Rosa, propusieron matrimonio. Ella los rechazó a todos, porque su misión em este mundo era la venganza.*(ALLENDE, 1989, p. 182)<sup>15</sup>

Vemos que a decisão de Dulce de não aceitar propostas de casamento se converte em um ato de coragem, uma atitude que quebra a regra dos paradigmas da sociedade, vejamos que a narrativa de Allende se passa em um período em que a virgindade de uma mulher era algo de extrema importância e valor, a realidade social não admitia uma mulher violada, aceitar um casamento seria uma forma de cobrir a “vergonha” e “limpar” sua honra, vemos nesse exemplo uma quebra de paradigma, uma das características mais marcantes das personagens femininas de Allende, para Abreu (2009):

A diversidade de representações dos papéis femininos e da representação da sociedade na qual as personagens estão inseridas pode ser percebida tanto no romance Eva Luna quanto nos Cuentos de Eva Luna. Há, nas histórias, o desdobramento dessa representação por meio da modificação dos destinos das personagens a partir da subversão de paradigmas, utilizando-se a força do discurso, o que contribui para a percepção da mulher como sujeito histórico e autora do seu papel social. (ABREU, 2009, p. 10)

Nesse sentido, vemos que apenas diante do poder de reação e da quebra dos paradigmas as personagens femininas de Allende passam a se empoderar e reconstruir sua identidade ao mesmo tempo em que desconstruem os preconceitos que lhe haviam sido impostos pelo machismo, ainda em Dulce vemos que diante do seu passado traumático a personagem escolhe ocupar um lugar que antes não era seu e do sexo feminino, ela passa a administrar toda a propriedade e os rumos de sua vida, saindo de uma situação de fragilidade e vulnerabilidade, para Abreu (2009):

A libertação feminina envolve redesenhar os papéis sociais, além de transformar a visão masculina em seus condicionamentos ancestrais. As personagens dos Cuentos de Eva Luna saem do espaço privado, reservado às mulheres, e invadem o espaço público, antes somente dos homens, fazendo da conquista da palavra importante capital cultural pela recusa social à exclusão. (ABREU, 2009, p. 10)

---

<sup>15</sup> Alguns cavalheiros de renome e fortuna conseguiram superar o estigma do estupro e, atraídos pelo prestígio da beleza e sensatez de Dulce Rosa, propuseram casamento. Ela rejeitou todos eles, porque sua missão neste mundo era a vingança. (Tradução nossa)

A narrativa de Allende nos apresenta uma grande surpresa, com o passar dos anos vemos que à medida que Dulce planejava sua vingança, Céspedes convivia diariamente com o remorso, havia se tornado um homem mais pacífico, abandonado os conflitos civis e políticos e era um homem totalmente arrependido das atrocidades que havia cometido, quando os dois personagens se encontram novamente, Dulce se deu conta de que não havia mais vestígios do homem que a violentou, e que diante disso ela não sentiu a alegria esperada em realizar sua vingança, ao contrário, sentiu uma melancolia; foi então que ela percebeu que o ódio que havia cultivado durante anos se converteu em um tipo de sentimento que levou os dois a se apaixonarem e decidirem se casar.

Podemos perceber que o fato de Tadeo ter se declarado para Dulce lhe deu certa vantagem e ela percebe que a fraqueza dele é o medo de perdê-la. Faltando dois dias para o casamento, os sentimentos de Dulce entram em conflito, ela decide dispensar a costureira, pegou a tesoura e foi até o último cômodo (o mesmo em que ela havia sido violentada) que havia permanecido fechado todo aquele tempo.

*Tadeo Céspedes la buscó por todas partes, llamándola desesperado. Los ladridos de los perros lo condujeron al otro extremo de la casa. Con ayuda de los jardineros echó abajo la puerta trancada y entró al cuarto donde una vez viera a un ángel coronado de jazmines. Encontró a Dulce Rosa Orellano tal como la viera en sueños cada noche de su existencia, con el mismo vestido de organza ensangüentado, y adivinó que viviría hasta los noventa años, para pagar su culpa con el recuerdo de la única mujer que su espíritu podía amar. (ALLENDE, 1989, p. 185)<sup>16</sup>*

Desse modo vemos que Dulce conseguiu cumprir a promessa que fez ao pai, pois o ato de tirar a própria vida se converteu em sua vingança, Dulce percebeu que isso o machucaria mais do que qualquer outro ato que ela pudesse planejar, também vemos que o suicídio é exercido do poder de escolha da personagem, e dessa forma ela evitaria o dilema de amar o assassino de seu pai, concordamos com Abreu (2009) quando afirma:

O leitor é confrontado do mesmo modo que as personagens e acredita que Dulce Rosa terá sua vingança, mas o amor entre as duas personagens é mais forte e, durante dias, eles vivem seu amor, conversando, dançando, tocando piano. Nota-se que o enredo faz com que o leitor espere uma vingança por parte de Dulce, já que essa é referida diversas vezes, quando isso pode finalmente acontecer, outro desfecho é narrado: o amor dos protagonistas.

---

<sup>16</sup> Tadeo Céspedes procurava-a por toda parte, chamando-a desesperado. Os latidos dos cães o levaram ao outro extremo da casa. Com a ajuda dos jardineiros, ele jogou a porta trancada e entrou na sala onde uma vez viu um anjo coroado com jasmim. Encontrou Dulce Rosa Orellano ao vê-la em sonhos todas as noites de sua existência, no mesmo vestido ensangüentado de organza, e imaginou que ela viveria até os noventa anos, para pagar sua culpa com a memória da única mulher que seu espírito poderia amar. (Tradução nossa)

Cria-se, na mente do leitor, um final feliz, quando, novamente, o enredo muda de direção ao afirmar que, dois dias antes do casamento. (ABREU, 2009, p. 29)

No conto *El oro de Tomás Vargas* a reação das personagens femininas se deu através do enfrentamento a Tomás, quando ele insiste em ter Concha Díaz em sua cama estando ela em repouso por conta de uma cesariana recente, a atitude de Tomás provoca um sentimento de revolta em Antonia que decide enfrentá-lo para defender Concha dos abusos do marido, Antonia percebeu que tudo que estava acontecendo não era culpa da jovem e que Concha era apenas mais uma vítima de Tomás, Antonia se identifica com a jovem por causa da violência e dos maus tratos que ambas sofriam.

*La desgracia de la outra mujer forzó a Antonia Sierra a revivir retazos de su juventude, de su primer embarazo y de las mismas violencias que ella soportó. Deseaba, a pesar suyo, que el futuro de Concha Díaz no fuera tan funesto como el próprio. Ya no le tenía rabia, sino una callada compasión, y empezó a tratarla como a una hija descarriada, con autoridade brusca que apenas lograba ocultar su ternura. (ALLENDE, 1989, p. 48)<sup>17</sup>*

Antonia acaba deixando de lado os sentimentos negativos em relação à Concha e vence o medo que sentia do seu esposo; dessa forma Tomás percebeu que estava em desvantagem e recuou, a atitude de Antonia para ele foi algo inesperado, Concha também reagiu contra o abuso, criando coragem pra se defender e retribuindo a ajuda recebida de Antonia, cuidando da casa e dos filhos dela.

*Antes de dos semanas Tomás Vargas quiso exigirle a Concha Diaz que volviera a su hamaca, a pesar de que la mujer todavía tenía un costurón fresco y un vendaje de guerra en el vientre, pero Antonia Sierra se le puso delante con los brazos en jarra, decidida por primera vez en su existencia a impedir que el viejo hiciera según su capricho. Su marido inició el adamán de quitarse el cinturón para darle los correazos habituales, pero ella no lo dejó terminar el gesto y se fue encima con tal fiereza, que el hombre retrocedió, sorprendido. Esa vacilación lo perdió, porque ella supo entonces quién era el más flerte. Entretanto Concha Díaz había dejado a su hijo en um rincón y enarbolaba una pesada vasija de barro, con el propósito evidente de reventársela en la cabeza. El hombre comprendió su desventaja y se fue del rancho lanzando blasfemias. (ALLENDE, 1989, p.49)<sup>18</sup>*

<sup>17</sup> O infortúnio da outra mulher forçou Antonia Sierra a reviver momentos de sua juventude, sua primeira gravidez e as mesmas violências que ela sofreu. Apesar de tudo, desejou que o futuro de Concha Díaz não fosse tão terrível quanto o seu. Ele não tinha mais raiva, mas uma compaixão silenciosa, e começou a tratá-la como uma filha rebelde, com autoridade repentina que mal conseguia esconder sua ternura. (Tradução nossa)

<sup>18</sup> Antes de duas semanas, Tomás Vargas queria exigir que Concha Diaz retornasse à sua rede, embora a mulher ainda tivesse uma corte fresco e um curativo de guerra na barriga, mas Antonia Sierra se pôs diante dele com uma jarra nos braços. Determinada pela primeira vez em sua existência a impedir que o velho fizesse de acordo com seus caprichos. Seu marido fez o gesto de tirar o cinturão para dar-lhe os corretivos habituais, mas ela não o

Vemos que as duas mulheres já não cediam mais aos caprichos de Tomás, estavam esgotadas de tanto sofrimento, e perceberam que a união e amizade entre as duas seria uma forma de superar o machismo exercido por Vargas, portanto nota-se que as personagens a partir desse ponto começam a reagir às desgraças a elas impostas pela condição de serem mulheres; segundo Abreu, (2009) “É a partir do processo do discurso que as autoras propõem a desconstrução do modelo patriarcal, abrindo a possibilidade de a mulher tornar-se sujeito e atuar efetivamente na sociedade.” (ABREU, 2009, p. 10).

Na realidade Antonia percebeu que não deveria mais temer Tomás, pois ela não dependia financeiramente dele, nem tão pouco que deveria continuar se submetendo à violência, já que ela trabalhava muito realizando inúmeras tarefas para criar os filhos e suprir as necessidades básicas de sua família, assim como no conto *Una Venganza* mais uma vez nos deparamos com mulheres que precisam assumir as responsabilidades que antes eram atribuídas apenas ao sexo masculino, Antonia e Concha tomam o controle de suas próprias vidas, deixando de serem submissas às vontades e aos caprichos de Tomás, ainda em Abreu (2009) vemos que:

Assim analisar a situação cultural da mulher, torna-se fundamental, na medida em que se pode perceber como ela vê o outro, como é vista pelo grupo e por si mesma. Quando o sujeito feminino representa, por meio de sua própria visão e linguagem, a si mesmo, rompe com conceitos tradicionais relativos à identidade e à cultura, possibilitando a alternância do exercício do poder e oportunizando a ocupação, pelo homem e pela mulher, de seu espaço. (ABREU, 2009, p.9)

As duas mulheres seguiram juntas e se ajudando mutuamente na criação dos filhos. A narrativa deixa a impressão de que foram elas as responsáveis por roubar o ouro de Tomás, já que depois da morte do velho elas conseguiram comprar galinhas, roupas novas para toda família, reformaram e pintaram o rancho, instalaram uma cozinha a gás onde começaram uma pequena indústria de alimentos para vender em domicílio, saindo da miséria e começaram um caminho de prosperidade. Assim como em *Una venganza* vemos que uma das formas de reação da personagem feminina contra o machismo e as imposições do patriarcado foi o ataque contra aquilo que seu agressor considerava mais valioso, Dulce tira a própria vida para

---

deixou terminar o gesto e foi pra cima dela com agressividade que o homem se afastou surpreso. Essa hesitação o fez perder, porque ela sabia quem era o mais forte. Enquanto isso, Concha Díaz havia deixado o filho em um canto e levantou um pesado vaso de cerâmica, obviamente para estourar o objeto na cabeça. O homem percebeu sua desvantagem e deixou o rancho jogando palavrões. (Tradução nossa)

não permitir que Céspedes fosse feliz, Antonia e Concha roubam o tesouro de Tomás, ferindo seu orgulho e sua dignidade.

Apesar das diferenças, os dois contos de Isabel Allende aqui analisados apresentam personagens femininas fortes e que souberam reconstruir suas vidas depois de enfrentarem inúmeras tribulações, as três personagens conseguiram alcançar suas vinganças, reagiram e tomaram para si o controle da própria existência, diante do machismo, da sociedade e do controle imposto por seus agressores.

## CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa buscamos apresentar o universo literário de Isabel Allende, suas obras, inspirações e como a autora, trata a questão do machismo na América Latina a partir de sua literatura. Diante da análise realizada nos contos *Una venganza* e *El oro de Tomás Vargas* buscamos observar como as personagens femininas reagiram diante das atrocidades e injustiças as quais foram submetidas.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa apontam que a literatura escrita por Isabel Allende no livro *Cuentos de Eva Luna* e mais especificamente nos referidos contos foi utilizada como instrumento denunciador e de crítica social, também podemos afirmar que o machismo ainda é uma realidade presente, ascendente e predominante em nosso continente e que muitas mulheres na América Latina vivem em situação de vulnerabilidade; os escritos de Allende transmitem tais questões aos leitores e diante disso, percebemos que a literatura desempenha um papel muito importante no combate às injustiças impostas pela hierarquia do patriarcado.

Portanto é de extrema importância a continuação de pesquisas e estudos recorrentes a este tema, desejamos que de alguma forma nossa pesquisa possa ajudar a comunidade acadêmica, futuros alunos e professores, assim como a sociedade de maneira geral para nos conscientizarmos e realizarmos mudanças de conduta social para a desconstrução do machismo e no combate à violência física e psicológica contra as mulheres.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Aline Letícia Rech de, **EVA LUNA E CUENTOS DE EVA LUNA: DA FASCINAÇÃO DA PALAVRA À REPRESENTAÇÃO DA MULHER**: UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE, 2009

ALLENDE, Isabel. **Eva Luna**. Buenos Aires, Editorial sudamericana, 1989.

ALLENDE, Isabel. CUENTOS DE EVA LUNA. Buenos Aires: editorial sudamericana, 1989. (Versão digitalizada)

AULETE, **Caldas, dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Caudas Aulete; Rio de Janeiro; Lexikon 2011.**

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BAUTISTA, G. **El realismo mágico: historiografía y características**. Verba Hispanica, 1991, Disponível em: <<https://revije.ff.uni-lj.si/VerbaHispanica/issue/view/515>> Acesso em 05/11/2018.

BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira. **Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/publicações/publicações/2010/titulo-e-memorias>. Acesso em: 12/04/2019.

CANDIDO, Antonio. **Direito à literatura, vários escritos 3.º edição revista e ampliada**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CERVERA, Juan, R. **El realismo mágico**. Disponível em: <<https://lenguajemediacolegioingles.files.wordpress.com/2014/04/el-realismo-magico.pdf>>. Acesso em: 05/11/2018.

COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria. **O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva**. In: COSTA, Ana Alice Alcantara; SARDENBERG, Cecília Maria (orgs.). **O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

COSTA, Adriane Vidal. Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em História pela mesma instituição. Julho 2001.

DORNELES, Elizabeth Fontoura. **Da germinação da semente à colheita do grão: análise do funcionamento das relações de identificação na formação discursiva dominante do assentado**. (Dissertação de Mestrado) Porto Alegre: UFRGS, 1998.

DRUMONT, Mary Pimentel, **Elementos para uma análise do machismo**: Professora Assistente do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do Instituto de Letras, Ciências e Educação – campus Araraquara. (UNESP) Perspectivas, São Paulo, 1980.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do estado. São Paulo: Civilização Brasileira, 1987.

FERREIRA, M.R. **La identidad latino-americana y el realismo mágico**. Trabajo de fin de grado. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Pontificia Comillas, Madrid, 2017.

GOTLIB, Nádia Battella, **A Teoria do conto**. Digitalização: 2004 data da Publicação original: 1990. *Coletivo sabotagem*.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** ed. 6. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

KAUTH, Rodríguez Angel; Marín de Magallanes, Leticia; Leone de Quintana, María E. **El machismo en el imaginario social** *Revista Latinoamericana de Psicología*, vol. 25, núm. 2, 1993, pp. 275-284 Fundación Universitaria Konrad Lorenz Bogotá, Colombia

KOFMAN, A. **Las fuentes del realismo mágico en la literatura latinoamericana**. In: La Colmena 85. Pg 9-17 enero-marzo 2015.

MARRA, Fabíola Benfica, **América Latina e os latino-americanos nas narrativas de Eva Luna de Isabel Allende** (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras- Estudos Literários.

NAVARRO, M.H. **A mulher em Eva Luna**. In: TRAVESSIA. Publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.1990.

SANTOS, Aline Renata dos e SILVA, Janssen Felipe da: DIÁLOGO ENTRE OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E O FEMINISMO LATINO-AMERICANO NA COMPREENSÃO DO PATRIARCADO NA CONSTITUIÇÃO DA AMÉRICA LATINA.

STIRCHAK, M. **La lucha por la libertad y la identidad: La casa de los espíritus como comentario sobre la evolución del movimiento feminista en Chile**. College of Liberal Arts California Polytechnic State University San Luis Obispo March, 2011.

ZINANE, Cecil Jeanine Albert Professora no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul; **Doutora em Letras – Literatura Comparada pela UFRGS**. E-mail: cezinani@terra.com.br ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina. In BONIICI,

ZOLIN Lúcia Osana. (org). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2005.

## ANEXO A : Conto *Una venganza*.

UNA VENGANZA El mediodía radiante en que coronaron a Dulce Rosa Orellano con los jazmines de la Reina del Carnaval, las madres de las otras candidatas murmuraron que se trataba de un premio injusto, que se lo daban a ella sólo porque era la hija del Senador Anselmo Orellano, el hombre más poderoso de toda la provincia. Admitían que la muchacha resultaba agraciada, tocaba el piano y bailaba como ninguna, pero había otras postulantes a ese galardón mucho más hermosas. La vieron de pie en el estrado, con su vestido de organza y su corona de flores saludando a la muchedumbre y entre dientes la maldijeron. Por eso, algunas de ellas se alegraron cuando meses más tarde el infortunio entró en la casa de los Orellano sembrando tanta fatalidad, que se necesitaron veinticinco años para cosecharla. La noche de la elección de la reina hubo baile en la Alcaldía de Santa Teresa y acudieron jóvenes de remotos pueblos para conocer a Dulce Rosa. Ella estaba tan alegre y bailaba con tanta ligereza que muchos no percibieron que en realidad no era la más bella, y cuando regresaron a sus puntos de partida dijeron que jamás habían visto un rostro como el suyo. Así adquirió innmerceda fama de hermosura y ningún testimonio posterior pudo desmentirla. La exagerada descripción de su piel traslúcida y sus ojos diáfanos, pasó de boca en boca y cada quien le agregó algo de su propia fantasía. Los poetas de ciudades apartadas compusieron sonetos para una doncella hipotética de nombre Dulce Rosa. El rumor de esa belleza floreciendo en la casa del Senador Orellano llegó también a oídos de Tadeo Céspedes, quien nunca imaginó conocerla, porque en los años de su existencia no había tenido tiempo de aprender versos ni mirar mujeres. Él se ocupaba sólo de la Guerra Civil. Desde que empezó a afeitarse el bigote tenía un arma en la mano y desde hacía mucho vivía en el fragor de la pólvora. Había olvidado los besos de su madre y hasta los cantos de la misa. No siempre tuvo razones para ofrecer pelea, porque en algunos períodos de tregua no había adversarios al alcance de su pandilla, pero incluso en esos tiempos de paz forzosa vivió como un corsario. Era hombre hábituado a la violencia. Cruzaba el país en to -El último tomará la llave del cuarto donde está mí hija y cumplirá con su deber -dijo el Senador al oír los primeros tiros. Todos esos hombres habían visto nacer a Dulce Rosa y la tuvieron en sus rodillas cuando apenas caminaba, le contaron cuentos de aparecidos en las tardes de invierno, la oyeron tocar el piano y la aplaudieron emocionados el día de su coronación como Reina del Carnaval. Su padre podía morir tranquilo, pues la niña nunca caería viva en las manos de Tadeo Céspedes. Lo único que jamás pensó el Senador Orellano fue que a pesar de su temeridad en la batalla, el último en morir sería él. Vio caer uno a uno a sus amigos y comprendió por fin la inutilidad de seguir resistiendo. Tenía una bala en el vientre y la vista difusa, apenas distinguía las sombras trepando por las altas murallas de su propiedad, pero no le falló el entendimiento para arrastrarse hasta el tercer patio. Los perros reconocieron su olor por encima del sudor, la sangre y la tristeza que lo cubrían y se apartaron para dejarlo pasar. Introdujo la llave en la cerradura, abrió la pesada puerta y a través de la niebla metida en sus ojos vio a Dulce Rosa aguardándolo. La niña llevaba el mismo vestido de organza usado en la fiesta de Carnaval y había adornado su peinado con las flores de la corona. -Es la hora, hija -dijo gatillando el arma mientras a sus pies crecía un charco de sangre. -No me mate, padre -replicó ella con voz firme-. Déjeme viva, para vengarlo y para vengarme. El Senador Anselmo Orellano observó el rostro de quince años de su hija e imaginó lo que haría con ella Tadeo Céspedes, pero había gran fortaleza en los ojos transparentes de Dulce Rosa y supo que podría sobrevivir para castigar a su verdugo. La muchacha se sentó sobre la cama y él tomó lugar a su lado, apuntando la puerta. Cuando se calló el bullicio de los perros moribundos, cedió la tranca, saltó el pestillo y los primeros hombres irrumpieron en la habitación, el Senador alcanzó a



hacer seis disparos antes de perder el conocimiento. Tadeo Céspedes creyó estar soñando al ver un ángel coronado de jazmines que sostenía en los brazos a un viejo agonizante, mientras su blanco vestido se empapaba de rojo, pero no le alcanzó la piedad para una segunda mirada, porque venía borracho de violencia y enervado por varias horas de combate. -La mujer es para mí -dijo antes de que sus hombres le pusieran las manos encima. Amaneció un viernes plomizo, teñido por el resplandor del incendio. El silencio era denso en la colina. Los últimos gemidos se habían callado cuando Dulce Rosa pudo ponerse de pie y caminar hacia la fuente del jardín, que el día anterior estaba rodeada de magnolias y ahora era sólo un charco tumultuoso en medio de los escombros. Del vestido no quedaban sino jirones de organza, que ella se quitó lentamente para quedar desnuda. Se sumergió en el agua fría. El sol apareció entre los abedules y la muchacha pudo ver el agua volverse rosada al lavar la sangre que le brotaba entre las piernas y la de su padre, que se había secado en su cabello. Una vez limpia, serena y sin lágrimas, volvió a la casa en ruinas, buscó algo para cubrirse, tomó una sábana de bramante y salió al camino a recoger los restos del Senador. Lo habían atado de los pies para arrastrarlo al galope por las laderas de la colina hasta convertirlo en un guiñapo de lástima, pero guiada por el amor, su hija pudo reconocerlo sin vacilar. Lo envolvió en el paño y se sentó a su lado a ver crecer el día. Así la encontraron los vecinos de Santa Teresa cuando se atrevieron a subir a la villa de los Orellano. Ayudaron a Dulce Rosa a enterrar a sus muertos y a apagar los vestigios del incendio y le suplicaron que se fuera a vivir con su madrina a otro pueblo, donde nadie conociera su historia, pero ella se negó. Entonces formaron cuadrillas para reconstruir la casa y le regalaron seis perros bravos para cuidarla. Desde el mismo instante en que se llevaron a su padre aún vivo, y Tadeo Céspedes cerró la puerta a su espalda y se soltó el cinturón de cuero, Dulce Rosa vivió para vengarse. En los años siguientes ese pensamiento la mantuvo despierta por las noches y ocupó sus días, pero no borró del todo su risa ni secó su buena voluntad. Aumentó su reputación de belleza, porque los cantores fueron por todas partes pregonando sus encantos imaginarios, hasta convertirla en una leyenda viviente. Ella se levantaba cada día a las cuatro de la madrugada para dirigir las faenas del campo y de la casa, recorrer su propiedad a lomo de bestia, comprar y vender con regateos de sirio, criar animales y cultivar las magnolias y los jazmines de su jardín. Al caer la tarde se quitaba los pantalones, las botas y las armas y se colocaba los vestidos primorosos, traídos de la capital en baúles aromáticos. Al anoecer comenzaban a llegar sus visitas y la encontraban tocando el piano, mientras las sirvientas preparaban las bandejas de pasteles y los vasos de horchata. Al principio muchos se preguntaron cómo era posible que la joven no hubiera acabado en una camisa de fuerza en el sanatorio o de novicia en las monjas carmelitas, sin embargo, como había fiestas frecuentes en la villa de los Orellano, con el tiempo la gente dejó de hablar de la tragedia y se borró el recuerdo del Senador asesinado. Algunos caballeros de renombre y fortuna lograron sobreponerse al estigma de la violación y, atraídos por el prestigio de belleza y sensatez de Dulce Rosa, le propusieron matrimonio. Ella los rechazó a todos, porque su misión en este mundo era la venganza. Tadeo Céspedes tampoco pudo quitarse de la memoria esa noche aciaga. La resaca de la matanza y la euforia de la violación se le pasaron a las pocas horas, cuando iba camino a la capital a rendir cuentas de su expedición de castigo. Entonces acudió a su mente la niña vestida de baile y coronada de jazmines, que lo soportó en silencio en aquella habitación oscura donde el aire estaba impregnado de olor a pólvora. Volvió a verla en el momento final, tirada en el suelo, mal cubierta por sus harapos enrojecidos, hundida en el sueño compasivo de la inconsciencia y así siguió viéndola cada noche en el instante de dormir, durante el resto de su vida. La paz, el ejercicio del gobierno y el uso del poder, lo convirtieron en un hombre reposado y laborioso. Con el transcurso del tiempo se perdieron los recuerdos de la Guerra Civil y la gente empezó a llamarlo don Tadeo. Se compró una hacienda al otro lado de la sierra, se dedicó a administrar justicia y acabó de alcalde. Si no hubiera sido por el fantasma incansable de Dulce

Rosa Orellano, tal vez habría alcanzado cierta felicidad, pero en todas las mujeres que se cruzaron en su camino, en todas las que abrazó en busca de consuelo y en todos los amores perseguidos a lo largo de los años, se le aparecía el rostro de la Reina del Carnaval. Y para mayor desgracia suya, las canciones que a veces traían su nombre en versos de poetas populares no le permitían apartarla de su corazón. La imagen de la joven creció dentro de él, ocupándolo enteramente, hasta que un día no aguantó más. Estaba en la cabecera de una larga mesa de banquete celebrando sus cincuenta y siete años, rodeado de amigos y colaboradores, cuando creyó ver sobre el mantel a una criatura desnuda entre capullos de jazmines y comprendió que esa pesadilla no lo dejaría en paz ni después de muerto. Dio un golpe de puño que hizo temblar la vajilla y pidió su sombrero y su bastón. -¿Adónde va, don Tadeo? -preguntó el Prefecto. -A reparar un daño antiguo -respondió saliendo sin despedirse de nadie. No tuvo necesidad de buscarla, porque siempre supo que se encontraba en la misma casa de su desdicha y hacia allá dirigió su coche. Para entonces existían buenas carreteras y las distancias parecían más cortas. El paisaje había cambiado en esas décadas, pero al dar la última curva de la colina apareció la villa tal como la recordaba antes de que su pandilla la tomara por asalto. Allí estaban las sólidas paredes de piedra de río que él destruyera con cargas de dinamita, allí los viejos artesonados de madera oscura que prendieron en llamas, allí los árboles de los cuales colgó los cuerpos de los hombres del Senador, allí el patio donde masacró a los perros. Detuvo su vehículo a cien metros de la puerta y no se atrevió a seguir, porque sintió el corazón explotándole dentro del pecho. Iba a dar media vuelta para regresar por donde mismo había llegado, cuando surgió entre los rosales una figura envuelta en el halo de sus faldas. Cerró los párpados deseando con toda su fuerza que ella no lo reconociera. En la suave luz de la seis percibió a Dulce Rosa Orellano que avanzaba flotando por los senderos del jardín. Notó sus cabellos, su rostro claro, la armonía de sus gestos, el revuelo de su vestido y creyó encontrarse suspendido en un sueño que duraba ya veinticinco años. -Por fin vienes, Tadeo Céspedes -dijo ella al divisarlo, sin dejarse engañar por su traje negro de alcalde ni su pelo gris de caballero, porque aún tenía las mismas manos de pirata. -Me has perseguido sin tregua. No he podido amar a nadie en toda mi vida, sólo a ti - murmuró él con la voz rota por la vergüenza. Dulce Rosa Orellano suspiró satisfecha. Lo había llamado con el pensamiento de día y de noche durante todo ese tiempo y por fin estaba allí. Había llegado su hora. Pero lo miró a los ojos y no descubrió en ellos ni rastro del verdugo, sólo lágrimas frescas. Buscó en su propio corazón el odio cultivado a lo largo de su vida y no fue capaz de encontrarlo. Evocó el instante en que le pidió a su padre el sacrificio de dejarla con vida para cumplir un deber, revivió el abrazo tantas veces maldito de ese hombre y la madrugada en la cual envolvió unos despojos tristes en una sábana de bramante. Repasó el plan perfecto de su venganza pero no sintió la alegría esperada, sino, por el contrario, una profunda melancolía. Tadeo Céspedes tornó su mano con delicadeza y besó la palma, mojándola con su llanto. Entonces ella comprendió aterrada que de tanto pensar en él a cada momento, saboreando el castigo por anticipado, se le dio vuelta el sentimiento y acabó por amarlo. En los días siguientes ambos levantaron las compuertas del amor reprimido y por vez primera en sus ásperos destinos se abrieron para recibir la proximidad del otro. Paseaban por los jardines hablando de sí mismos, sin omitir la noche fatal que torció el rumbo de sus vidas. Al atardecer, ella tocaba el piano y él fumaba escuchándola hasta sentir los huesos blandos y la felicidad envolviéndolo como un manto y borrando las pesadillas del tiempo pasado. Después de cenar Tadeo Céspedes partía a Santa Teresa, donde ya nadie recordaba la vieja historia de horror. Se hospedaba en el mejor hotel y desde allí organizaba su boda, quería una fiesta con fanfarria, derroche y bullicio, en la cual participara todo el pueblo. Descubrió el amor a una edad en que otros hombres han perdido la ilusión y eso le devolvió la fortaleza de su juventud. Deseaba rodear a Dulce Rosa de afecto y belleza, darle todas las cosas que el dinero pudiera comprar, a ver si conseguía compensar en sus años de viejo, el mal que le hiciera de joven. En algunos momentos lo

invadía el pánico. Espiaba el rostro de ella en busca de los signos del rencor, pero sólo veía la luz del amor compartido y eso le devolvía la confianza. Así pasó un mes de dicha. Dos días antes del casamiento, cuando ya estaban armando los mesones de la fiesta en el jardín, matando las aves y los cerdos para la comilona y cortando las flores para decorar la casa, Dulce Rosa Orellano se probó el vestido de novia. Se vio reflejada en el espejo, tan parecida al día de su coronación como Reina del Carnaval, que no pudo seguir engañando a su propio corazón. Supo que jamás podría realizar la venganza planeada porque amaba al asesino, pero tampoco podría callar al fantasma del Senador, así es que despidió a la costurera, tomó las tijeras y se fue a la habitación del tercer patio que durante todo ese tiempo había permanecido desocupada. Tadeo Céspedes la buscó por todas partes, llamándola desesperado. Los ladridos de los perros lo condujeron al otro extremo de la casa. Con ayuda de los jardineros echó abajo la puerta trancada y entró al cuarto donde una vez viera a un ángel coronado de jazmines. Encontró a Dulce Rosa Orellano tal como la viera en sueños cada noche de su existencia, con el mismo vestido de organza ensangrentado, y adivinó que viviría hasta los noventa años, para pagar su culpa con el recuerdo de la única mujer que su espíritu podía amar.

## **ANEXO B : Conto *El oro de Tomás Vargas.***

EL ORO DE TOMÁS VARGAS Antes de que empezara la pelotera descomunal del progreso, quienes tenían algunos ahorros, los enterraban, era la única forma conocida de guardar dinero, pero más tarde la gente les tomó confianza a los bancos. Cuando hicieron la carretera y fue más fácil llegar en autobús a la ciudad, cambiaron sus monedas de oro y de plata por papeles pintados y los metieron en cajas fuertes, como si fueran tesoros. Tomás Vargas se burlaba de ellos a carcajadas, porque nunca creyó en ese sistema. El tiempo le dio la razón y cuando se acabó el gobierno del Benefactor -que duró como treinta años, según dicen los billetes no valían nada y muchos terminaron pegados de adorno en las paredes, como infame recordatorio del candor de sus dueños. Mientras todos los demás escribían cartas al nuevo Presidente y a los periódicos para quejarse de la estafa colectiva de las nuevas monedas, Tomás Vargas tenía sus morocotas de oro en un entierro seguro, aunque eso no atenuó sus hábitos de avaro y de pordiosero. Era hombre sin decencia, pedía dinero prestado sin intención de devolverlo, y mantenía a los hijos con hambre y a la mujer en harapos, mientras él usaba sombreros de pelo de guama y fumaba cigarros de caballero. Ni siquiera pagaba la cuota de la escuela, sus seis hijos legítimos se educaron gratis porque la Maestra Inés decidió que mientras ella estuviera en su sano juicio y con fuerzas para trabajar, ningún niño del pueblo se quedaría sin saber leer. La edad no le quitó lo pendenciero, bebedor y mujeriego. Tenía a mucha honra ser el más macho de la región, como pregonaba en la plaza cada vez que la borrachera le hacía perder el entendimiento y anunciar a todo pulmón los nombres de las muchachas que había seducido y de los bastardos que llevaban su sangre. Si fueran a creerle, tuvo como trescientos porque en cada arrebató daba nombres diferentes. Los policías se lo llevaron varias veces y el Teniente en persona le propinó unos cuantos planazos en las nalgas, para ver si se le regeneraba el carácter, pero eso no dio más resultados que las amonestaciones del cura. En verdad sólo respetaba a Riad Halabí, el dueño del almacén, por eso los vecinos recurrían a él cuando sospechaban que se le había pasado la mano con la disipación y estaba zurrando a su mujer o a sus hijos. En esas ocasiones el árabe abandonaba el mostrador con tanta prisa que no se acordaba de cerrar la tienda, y se presentaba, sofocado de disgusto justiciero, a poner orden en el rancho de los Vargas. No tenía necesidad de decir mucho, al viejo le bastaba verlo aparecer para tranquilizarse. Riad Halabí era el único capaz de avergonzar a ese bellaco. Antonia Sierra, la mujer de Vargas, era veintiséis años menor que él. Al llegar a la cuarentena ya estaba muy gastada, casi no le quedaban dientes sanos en la boca y su aguerrido cuerpo de mulata se había deformado por el trabajo, los partos y los abortos; sin embargo aún conservaba la huella de su pasada arrogancia, una manera de caminar con la cabeza bien erguida y la cintura quebrada, un resabio de antigua belleza, un tremendo orgullo que paraba en seco cualquier intento de tenerle lástima. Apenas le alcanzaban las horas para cumplir su día, porque además de atender a sus hijos y ocuparse del huerto y las gallinas ganaba unos pesos cocinando el almuerzo de los policías, lavando ropa ajena y limpiando la escuela. A veces andaba con el cuerpo sembrado de magullones azules y aunque nadie preguntaba, toda Agua Santa sabía de las palizas propinadas por su marido. Sólo Riad Halabí y la Maestra Inés se atrevían a hacerle regalos discretos, buscando excusas para no ofenderla, algo de ropa, alimentos, cuadernos y vitaminas para sus niños. Muchas humillaciones tuvo que soportar Antonia Sierra de su marido, incluso que le impusiera una concubina en su propia casa. Concha Díaz llegó a Agua Santa a bordo de uno de los camiones de la Compañía de Petróleos, tan desconsolada y lamentable como un espectro. El chófer se compadeció al verla descalza en el camino, con su atado a la espalda y su barriga de mujer preñada. Al

cruzar la aldea, los camiones se detenían en el almacén, por eso Riad Halabí fue el primero en enterarse del asunto. La vio aparecer en su puerta y por la forma en que dejó caer su bulto ante el mostrador se dio cuenta al punto de que no estaba de paso, esa muchacha venía a quedarse. Era muy joven, morena y de baja estatura, con una mata compacta de pelo crespo desteñido por el sol, donde parecía no haber entrado un peine en mucho tiempo. Como siempre hacía con los visitantes, Riad Halabí le ofreció a Concha una silla y un refresco de piña y se dispuso a escuchar el recuento de sus aventuras o sus desgracias, pero la muchacha hablaba poco, se limitaba a sonarse la nariz con los dedos, la vista clavada en el suelo, las lágrimas cayéndole sin apuro por las mejillas y una retahíla de reproches brotándole entre los dientes. Por fin el árabe logró entenderle que quería ver a Tomás Vargas y mandó a buscarlo a la taberna. Lo esperó en la puerta y apenas lo tuvo por delante lo cogió por un brazo y lo encaró con la forastera, sin darle tiempo de reponerse del susto. -La joven dice que el bebé es tuyo -dijo Riad Halabí con ese tono suave que usaba cuando estaba indignado. -Eso no se puede probar, turco. Siempre se sabe quién es la madre, pero del padre nunca hay seguridad -replicó el otro confundido, pero con ánimo suficiente para esbozar un guiño de picardía que nadie apreció. Esta vez la mujer se echó a llorar con entusiasmo, mascullando que no habría viajado de tan lejos si no supiera quién era el padre. Riad Halabí le dijo a Vargas que si no le daba vergüenza, tenía edad para ser abuelo de la muchacha, y si pensaba que otra vez el pueblo iba a sacar la cara por sus pecados estaba en un error, qué se había imaginado, pero cuando el llanto de la joven fue en aumento, agregó lo que todos sabían que diría. -Está bien, niña, cálmate. Puedes quedarte en mi casa por un tiempo, al menos hasta el nacimiento de la criatura. Concha Díaz comenzó a sollozar más fuerte y manifestó que no viviría en ninguna parte, sólo con Tomás Vargas, porque para eso había venido. El aire se detuvo en el almacén, se hizo un silencio muy largo, sólo se oían los ventiladores en el techo y el moquilleo de la mujer, sin que nadie se atreviera a decirle que el viejo era casado y tenía seis chiquillos. Por fin Vargas cogió el bulto de la viajera y la ayudó a ponerse de pie. -Muy bien, Conchita, si eso es lo que quieres, no hay más que hablar. Nos vamos para mi casa ahora mismo -dijo. Así fue como al volver de su trabajo Antonia Sierra encontró a otra mujer descansando en su hamaca y por primera vez el orgullo no le alcanzó para disimular sus sentimientos. Sus insultos rodaron por la calle principal y el eco llegó hasta la plaza y se metió en todas las casas, anunciando que Concha Díaz era una rata inmunda y que Antonia Sierra le haría la vida imposible hasta devolverla al arroyo de donde nunca debió salir, que si creía que sus hijos iban a vivir bajo el mismo techo con una rabipelada se llevaría una sorpresa, porque ella no era ninguna palurda, y a su marido más le valía andarse con cuidado, porque ella había aguantado mucho sufrimiento y mucha decepción, todo en nombre de sus hijos, pobres inocentes, pero ya estaba bueno, ahora todos iban a ver quién era Antonia Sierra. La rabieta le duró una semana, al cabo de la cual los gritos se tornaron en un continuo murmullo y perdió el último vestigio de su belleza, ya no le quedaba ni la manera de caminar, se arrastraba como una perra apaleada. Los vecinos intentaron explicarle que todo ese lío no era culpa de Concha, sino de Vargas, pero ella no estaba dispuesta a escuchar consejos de templanza o de justicia. La vida en el rancho de esa familia nunca había sido agradable, pero con la llegada de la concubina se convirtió en un tormento sin tregua. Antonia pasaba las noches acurrucada en la cama de sus hijos, escupiendo maldiciones, mientras al lado roncaba su marido abrazado a la muchacha. Apenas asomaba el sol Antonia debía levantarse, preparar el café y amasar las arepas, mandar a los chiquillos a la escuela, cuidar el huerto, cocinar para los policías, lavar y planchar. Se ocupaba de todas esas tareas como una autómatas, mientras del alma le destilaba un rosario de amarguras. Como se negaba a darle comida a su marido, Concha se encargó de hacerlo cuando la otra salía, para no encontrarse con ella ante el fogón de la cocina. Era tanto el odio de Antonia Sierra, que algunos en el pueblo creyeron que acabaría matando a su rival y fueron a pedirle a Riad Halabí y a la Maestra Inés que intervinieran antes de que fuera tarde.

Sin embargo, las cosas no sucedieron de esa manera. Al cabo de dos meses la barriga de Concha parecía una calabaza, se le habían hinchado tanto las piernas que estaban a punto de reventársele las venas, y lloraba continuamente porque se sentía sola y asustada. Tomás Vargas se cansó de tanta lágrima y decidió ir a su casa sólo a dormir. Ya no fue necesario que las mujeres hicieran turnos para cocinar, Concha perdió el último incentivo para vestirse y se quedó echada en la hamaca mirando el techo, sin ánimo ni para colarse un café. Antonia la ignoró todo el primer día, pero en la noche le mandó un plato de sopa y un vaso de leche caliente con uno de los niños, para que no dijeran que ella dejaba morir a nadie de hambre bajo su techo. La rutina se repitió y a los pocos días Concha se levantó para comer con los demás. Antonia fingía no verla, pero al menos dejó de lanzar insultos al aire cada vez que la otra pasaba cerca. Poco a poco la derrotó la lástima. Cuando vio que la muchacha estaba cada día más delgada, un pobre espantapájaros con un vientre descomunal y unas ojeras profundas, empezó a matar sus gallinas una por una para darle caldo, y apenas se le acabaron las aves hizo lo que nunca había hecho hasta entonces, fue a pedirle ayuda a Riad Halabí. -Seis hijos he tenido y varios nacimientos malogrados, pero nunca he visto a nadie enfermarse tanto de preñez -explicó ruborizada-. Está en los huesos, turco, no alcanza a tragarse la comida y ya la está vomitando. No es que a mí me importe, no tengo nada que ver con eso, pero ¿qué le voy a decir a su madre si se me muere? No quiero que me vengan a pedir cuentas después. Riad Halabí llevó a la enferma en su camioneta al hospital y Antonia los acompañó. Volvieron con una bolsa de píldoras de diferentes colores y un vestido nuevo para Concha, porque el suyo ya no le bajaba de la cintura. La desgracia de la otra mujer forzó a Antonia Sierra a revivir retazos de su juventud, de su primer embarazo y de las mismas violencias que ella soportó. Deseaba, a pesar suyo, que el futuro de Concha Díaz no fuera tan funesto como el propio. Ya no le tenía rabia, sino una callada compasión, y empezó a tratarla como a una hija descarriada, con una autoridad brusca que apenas lograba ocultar su ternura. La joven estaba aterrada al ver las perniciosas transformaciones en su cuerpo, esa deformidad que aumentaba sin control, esa vergüenza de andarse orinando de a poco y de caminar como un ganso, esa repulsión incontrolable y esas ganas de morir. Algunos días despertaba muy enferma y no podía salir de la cama, entonces Antonia turnaba a los niños para cuidarla mientras ella partía a cumplir con su trabajo a las carreras, para regresar temprano a atenderla; pero en otras ocasiones Concha amanecía más animosa y cuando Antonia volvía extenuada, se encontraba con la cena lista y la casa limpia. La muchacha le servía un café y se quedaba de pie a su lado, esperando que se lo bebiera, con una mirada líquida de animal agradecido. El niño nació en el hospital de la ciudad, porque no quiso venir al mundo y tuvieron que abrir a Concha Díaz para sacárselo. Antonia se quedó con ella ocho días, durante los cuales la Maestra Inés se ocupó de sus chiquillos. Las dos mujeres regresaron en la camioneta del almacén y todo Agua Santa salió a darles la bienvenida. La madre venía sonriendo, mientras Antonia exhibía al recién nacido con una algazara de abuela, anunciando que sería bautizado Riad Vargas Díaz, en justo homenaje al turco, porque sin su ayuda la madre no hubiera llegado a tiempo a la maternidad y además fue él quien se hizo cargo de los gastos cuando el padre hizo oídos sordos y se fingió más borracho que de costumbre para no desenterrar su oro. Antes de dos semanas Tomás Vargas quiso exigirle a Concha Díaz que volviera a su hamaca, a pesar de que la mujer todavía tenía un costurón fresco y un vendaje de guerra en el vientre, pero Antonia Sierra se le puso delante con los brazos en jarra, decidida por primera vez en su existencia a impedir que el viejo hiciera según su capricho. Su marido inició el ademán de quitarse el cinturón para darle los correazos habituales, pero ella no lo dejó terminar el gesto y se le fue encima con tal fiereza, que el hombre retrocedió, sorprendido. Esa vacilación lo perdió, porque ella supo entonces quién era el más fuerte. Entretanto Concha Díaz había dejado a su hijo en un rincón y enarbolaba una pesada vasija de barro, con el propósito evidente de reventársela en la cabeza. El hombre comprendió su desventaja y se fue del rancho lanzando blasfemias. Toda

Agua Santa supo lo sucedido porque él mismo se lo contó a las muchachas del prostíbulo, quienes también dijeron que Vargas ya no funcionaba y que todos sus alardes de semental eran pura fanfarronería y ningún fundamento. A partir de ese incidente las cosas cambiaron. Concha Díaz se repuso con rapidez y mientras Antonia Sierra salía a trabajar, ella se quedaba a cargo de los niños y las tareas del huerto y de la casa. Tomás Vargas se tragó la desazón y regresó humildemente a su hamaca, donde no tuvo compañía. Aliviaba el despecho maltratado a sus hijos y comentando en la taberna que las mujeres, como las mulas, sólo entienden a palos, pero en la casa no volvió a intentar castigarlas. En las borracheras gritaba a los cuatro vientos las ventajas de la bigamia y el cura tuvo que dedicar varios domingos a rebatirlo desde el púlpito, para que no prendiera la idea y se le fueran al carajo tantos años de predicar la virtud cristiana de la monogamia. En Agua Santa se podía tolerar que un hombre maltratara a su familia, fuera haragán, bochinchero y no devolviera el dinero prestado, pero las deudas del juego eran sagradas. En las riñas de gallos los billetes se colocaban bien doblados entre los dedos, donde todos pudieran verlos, y en el dominó, los dados o las cartas, se ponían sobre la mesa a la izquierda del jugador. A veces los camioneros de la Compañía de Petróleos se detenían para unas vueltas de póquer y aunque ellos no mostraban su dinero, antes de irse pagaban hasta el último céntimo. Los sábados llegaban los guardias del Penal de Santa María a visitar el burdel y a jugar en la taberna su paga de la semana. Ni ellos -que eran mucho más bandidos que los presos a su cargo- se atrevían a jugar si no podían pagar. Nadie violaba esa regla. Tomás Vargas no apostaba, pero le gustaba mirar a los gadores, podía pasar horas observando un dominó, era el primero en instalarse en las riñas de gallos y seguía los números de la lotería que anunciaban por la radio, aunque él nunca compraba uno. Estaba defendido de esa tentación por el tamaño de su avaricia. Sin embargo, cuando la férrea complicidad de Antonia Sierra y Concha Díaz le mermó definitivamente el ímpetu viril, se volcó hacia el juego. Al principio apostaba unas propinas míseras y sólo los borrachos más pobres aceptaban sentarse a la mesa con él, pero con los naipes tuvo más suerte que con sus mujeres y pronto le entró el comején del dinero fácil y empezó a descomponerse hasta el meollo mismo de su naturaleza mezquina. Con la esperanza de hacerse rico en un solo golpe de fortuna y recuperar de paso -mediante la ilusoria proyección de ese triunfo- su humillado prestigio de padrote, empezó a aumentar los riesgos. Pronto se medían con él los jugadores más bravos y los demás hacían rueda para seguir las alternativas de cada encuentro. Tomás Vargas no ponía los billetes estirados sobre la mesa, como era la tradición, pero pagaba cuando perdía. En su casa la pobreza se agudizó y Concha salió también a trabajar. Los niños quedaron solos y la Maestra Inés tuvo que alimentarlos para que no anduvieran por el pueblo aprendiendo a mendigar. Las cosas se complicaron para Tomás Vargas cuando aceptó el desafío del Teniente y después de seis horas de juego le ganó doscientos pesos. El oficial confiscó el sueldo de sus subalternos para pagar la derrota. Era un moreno bien plantado, con un bigote de morsa y la casaca siempre abierta para que las muchachas pudieran apreciar su torso velludo y su colección de cadenas de oro. Nadie lo estimaba en Agua Santa, porque era hombre de carácter impredecible y se atribuía la autoridad de inventar leyes según su capricho y conveniencia. Antes de su llegada, la cárcel era sólo un par de cuartos para pasar la noche después de alguna riña -nunca hubo crímenes de gravedad en Agua Santa y los únicos malhechores eran los presos en su tránsito hacia el Penal de Santa María- pero el Teniente se encargó de que nadie pasara por el retén sin llevarse una buena golpiza. Gracias a él la gente le tomó miedo a la ley. Estaba indignado por la pérdida de los doscientos pesos, pero entregó el dinero sin chistar y hasta con cierto desprendimiento elegante, porque ni él, con todo el peso de su poder, se hubiera levantado de la mesa sin pagar. Tomás Vargas pasó dos días alardeando de su triunfo, hasta que el Teniente le avisó que lo esperaba el sábado para la revancha. Esta vez la apuesta sería de mil pesos, le anunció con un tono tan perentorio que el otro se acordó de los planazos recibidos en el trasero y no se atrevió a negarse. La tarde del

sábado la taberna estaba repleta de gente. En la apretura y el calor se acabó el aire y hubo que sacar la mesa a la calle para que todos pudieran ser testigos del juego. Nunca se había apostado tanto dinero en Agua Santa y para asegurar la limpieza del procedimiento designaron a Riad Halabí. Éste empezó por exigir que el público se mantuviera a dos pasos de distancia, para impedir cualquier trampa, y que el Teniente y los demás policías dejaran sus armas en el retén. -Antes de comenzar ambos jugadores deben poner su dinero sobre la mesa -dijo el árbitro. -Mi palabra basta, turco -replicó el Teniente. -En ese caso mi palabra basta también - agregó Tomás Vargas. -¿Cómo pagarán si pierden? -quiso saber Riad Halabí. -Tengo una casa en la capital, si pierdo Vargas tendrá los títulos mañana mismo. -Está bien. ¿Y tú? -Yo pago con el oro que tengo enterrado. El juego fue lo más emocionante ocurrido en el pueblo en muchos años. Toda Agua Santa, hasta los ancianos y los niños se juntaron en la calle. Las únicas ausentes fueron Antonia Sierra y Concha Díaz. Ni el Teniente ni Tomás Vargas inspiraban simpatía alguna, así es que daba lo mismo quien ganara; la diversión consistía en adivinar las angustias de los dos jugadores y de quienes habían apostado a uno u otro. A Tomás Vargas lo beneficiaba el hecho de que hasta entonces había sido afortunado con los naipes, pero el Teniente tenía la ventaja de su sangre fría y su prestigio de matón. A las siete de la tarde terminó la partida y, de acuerdo con las normas establecidas, Riad Halabí declaró ganador al Teniente. En el triunfo el policía mantuvo la misma calma que demostró la semana anterior en la derrota, ni una sonrisa burlona, ni una palabra desmedida, se quedó simplemente sentado en su silla escarbándose los dientes con la uña del dedo meñique. -Bueno, Vargas, ha llegado la hora de desenterrar tu tesoro -dijo, cuando se calló el vocerío de los mirones. La piel de Tomás Vargas se había vuelto cenicienta, tenía la camisa empapada de sudor y parecía que el aire no le entraba en el cuerpo, se le quedaba atorado en la boca. Dos veces intentó ponerse de pie y le fallaron las rodillas. Riad Halabí tuvo que sostenerlo. Por fin reunió la fuerza para echar a andar en dirección a la carretera, seguido por el Teniente, los policías, el árabe, la Maestra Inés y más atrás todo el pueblo en ruidosa procesión. Anduvieron un par de millas y luego Vargas torció a la derecha, metiéndose en el tumulto de la vegetación glotona que rodeaba a Agua Santa. No había sendero, pero él se abrió paso sin grandes vacilaciones entre los árboles gigantescos y los helechos, hasta llegar al borde de un barranco apenas visible, porque la selva era un biombo impenetrable. Allí se detuvo la multitud, mientras él bajaba con el Teniente. Hacía un calor húmedo y agobiante, a pesar de que faltaba poco para la puesta del sol. Tomás Vargas hizo señas de que lo dejaran solo, se puso a gatas y arrastrándose desapareció bajo unos filodendros de grandes hojas carnudas. Pasó un minuto largo antes que se escuchara su alarido. El Teniente se metió en el follaje, lo cogió por los tobillos y lo sacó a tirones. -¡Qué pasa! -¡No está, no está! -¡Cómo que no está! -¡Lo juro, mi Teniente, yo no sé nada, se lo robaron, me robaron el tesoro! -Y se echó a llorar como una viuda, tan desesperado que ni cuenta se dio de las patadas que le propinó el Teniente. -¡Cabrón! ¡Me vas a pagar! ¡Por tu madre que me vas a pagar! Riad Halabí se lanzó barranco abajo y se lo quitó de las manos antes de que lo convirtiera en mazamorra. Logró convencer al Teniente que se calmara, porque a golpes no resolverían el asunto, y luego ayudó al viejo a subir. Tomás Vargas tenía el esqueleto descalabrado por el espanto de lo ocurrido, se ahogaba de sollozos y eran tantos sus titubeos y desmayos que el árabe tuvo que llevarlo casi en brazos todo el camino de vuelta, hasta depositarlo finalmente en su rancho. En la puerta estaban Antonia Sierra y Concha Díaz sentadas en dos sillas de paja, tomando café y mirando caer la noche. No dieron ninguna señal de consternación al enterarse de lo sucedido y continuaron sorbiendo su café, inmutables. Tomás Vargas estuvo con calentura más de una semana, delirando con morocotas de oro y naipes marcados, pero era de naturaleza firme y en vez de morir de congoja, como todos suponían, recuperó la salud. Cuando pudo levantarse no se atrevió a salir durante varios días, pero finalmente su amor por la parranda pudo más que su prudencia, tomó su sombrero de pelo de guama y, todavía tembleque y asustado, partió



a la taberna. Esa noche no regresó y dos días después alguien trajo la noticia de que estaba despachurrado en el mismo barranco donde había escondido su tesoro. Lo encontraron abierto en canal a machetazos, como una res, tal como todos sabían que acabaría sus días, tarde o temprano. Antonia Sierra y Concha Díaz lo enterraron sin grandes señas de desconsuelo y sin más cortejo que Riad Halabí y la Maestra Inés, que fueron por acompañarlas a ellas y no para rendirle homenaje póstumo a quien habían despreciado en vida. Las dos mujeres siguieron viviendo juntas, dispuestas a ayudarse mutuamente en la crianza de los hijos y en las vicisitudes de cada día. Poco después del sepelio compraron gallinas, conejos y cerdos, fueron en bus a la ciudad y volvieron con ropa para toda la familia. Ese año arreglaron el rancho con tablas nuevas, le agregaron dos cuartos, lo pintaron de azul y después instalaron una cocina a gas, donde iniciaron una industria de comida para vender a domicilio. Cada mediodía partían con todos los niños a distribuir sus viandas en el retén, la escuela, el correo, y si sobraban porciones las dejaban en el mostrador del almacén, para que Riad Halabí se las ofreciera a los camioneros. Y así salieron de la miseria y se iniciaron en el camino de la prosperidad.